

ACADÊMICOS INDÍGENAS E SUA PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E DE EXTENSÃO – A EXPERIÊNCIA DO PROJETO REDE DE SABERES, NA UCDB

Área Temática: Educação

Responsável pelo trabalho: Antonio Brand

Instituição: Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Nome dos autores: 1. Antonio Brand; 2. Eva Maria Luiz Ferreira

Resumo:

O trabalho apresenta os resultados de uma ação de acompanhamento e orientação acadêmica a estudantes indígenas, desenvolvida pelo projeto Rede de Saberes, que no âmbito da UCDB, que atende um total de 50 acadêmicos. O Projeto Rede de Saberes é desenvolvido em parceria pela UCDB, UEMS, UFMS e UFGD, com aporte financeiro da Fundação FORD e objetiva desenvolver ações de apoio aos alunos indígenas em suas trajetórias nas Instituições de Ensino Superior. A crescente busca dos povos indígenas, com saberes e processos sociais e históricos diferenciados e que trazem trajetórias históricas marcadas pela exclusão tanto social como cultural, por formação técnica em áreas como o direito, saúde, ciências agrárias, entre outras, como uma necessidade coletiva, põe desafios novos para as IES, sinalizando questões complexas relacionadas ao diálogo de saberes ou ao diálogo intercultural. As reflexões aqui destacadas são resultados da participação de diversos acadêmicos indígenas em projetos de iniciação científica e de extensão na UCDB, através do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas, NEPI.

Palavras-Chave: Acadêmicos Indígenas, Projeto Rede de Saberes, Atividades de Pesquisa e Extensão.

Introdução:

O Estado de Mato Grosso do Sul possui uma das mais significativas populações indígenas do país, cerca de 60 mil pessoas. Sua realidade vem marcada pela perda territorial e correspondente confinamento em terras indígenas reduzidas, com os recursos naturais profundamente comprometidos e a intensa inserção no entorno regional, com ênfase nos espaços urbanos.

Nesse contexto, cresce em Mato Grosso do Sul a demanda dos povos indígenas por acesso às Universidades, percebidas como espaços estratégicos relevantes em seus esforços de melhorar as condições de inserção, diálogo e/ou de enfrentamento do entorno regional. De outra parte cada vez mais universidades públicas e particulares estruturam iniciativas que objetivam facilitar esse acesso. Restritas, inicialmente, às

licenciaturas, tendo em vista as exigências da Lei de Diretrizes de Bases 9394/96, cresce a busca por formação técnica em áreas como o direito, saúde, ciências agrárias, entre outras, como uma demanda de aldeias ou comunidades e não mais tanto de projetos pessoais.

É nesse cenário que iniciou, em 2006, o Projeto Rede de Saberes, desenvolvido em parceria pela Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Universidade Estadual de MS, UEMS, Universidade Federal de MS, UFMS, e Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, com aporte financeiro da Fundação FORD. O projeto objetiva desenvolver ações de apoio aos alunos indígenas em sua trajetória acadêmica nas Instituições de Ensino Superior, incluindo atividades como o acompanhamento individual ou em pequenos grupos em áreas nas quais enfrentam maiores dificuldades, decorrentes, especialmente, de lacunas no ensino médio e/ou relacionadas à língua portuguesa, como segunda língua falada pelos acadêmicos. Inclui, ainda, o apoio ao fortalecimento da articulação entre os acadêmicos índios das diversas Instituições de Ensino Superior, IES, e dessas com suas comunidades, lideranças e organizações e a busca de alternativas para os egressos das universidades, tendo em vista a sua inserção profissional no contexto regional.

Destaca-se, ainda, o apoio à participação em eventos científicos, cursos que suplementem ou proporcionem novas aprendizagens em áreas de maior carência, inclusão digital, além de cursos extracurriculares que tratam especificamente de assuntos que não estão contemplados nas grades curriculares das universidades, tais como direito indigenista, saberes tradicionais e saberes acadêmicos, entre outros.

No entanto, percebeu-se, no âmbito do Projeto Rede de Saberes, a relevância da inserção dos acadêmicos índios em projetos de pesquisa (Iniciação Científica) e/ou em trabalhos de extensão - atividades eminentemente acadêmicas, que provocam importantes repercussões no âmbito das comunidades indígenas e que tem estimulado relações de solidariedade entre comunidades, acadêmicos indígenas, seus professores orientadores e as IES.

No entanto, são povos, com saberes e processos sociais e históricos diferenciados e que trazem trajetórias históricas marcadas pela exclusão tanto social como cultural, que se confrontam com IES que sempre foram espaços identificados com os interesses das elites coloniais e, portanto, anti-indígenas. Que condições têm essas IES de atender as demandas e expectativas dos povos indígenas e contribuir para a formação de intelectuais indígenas, capazes de atender as demandas de seus povos em

sua difícil luta pela reconquista da autonomia, que passa pela gestão territorial e pela reconquista de condições melhores de sustentabilidade?

Se o desafio posto é “trazer o direito das diferentes formas de conhecimento a uma existência sem marginalização ou subalternidade por parte da ciência oficial” (SOUSA SANTOS et alii, 2005, p. 30), não bastam, certamente, mecanismos facilitadores para o ingresso dos acadêmicos índios, ou, em outros termos, programas que objetivem “ampliar” o acesso ao “saber moderno”, mantendo a “subalternidade” acima referida (idem, 2005, p. 35).

Material e Metodologia:

O projeto abrange os acadêmicos indígenas de quatro universidades, três públicas e uma comunitária, atingindo um total aproximado de 600 acadêmicos das etnias terena, kadiwéu, guarani e kaiowá de MS. As reflexões aqui destacadas são resultados da participação de diversos acadêmicos indígenas em projetos de iniciação científica e de extensão na UCDB, no âmbito dos trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas, NEPI, da UCDB.

Resultados e Discussões

São, certamente, raros, na história, os “encontros” entre as demandas e lutas dos povos indígenas e as IES, espaços historicamente reservados às elites regionais, profundamente anti-indígenas. Por isso, as demandas que os povos indígenas apresentam às IES vem permeadas e atravessadas por intensa disputa de poder num espaço até agora a eles inacessível. A afirmação da identidade étnica, com ênfase na luta pelo reconhecimento dos seus saberes, nos espaços acadêmicos, não pode ser dissociada desse viés de disputa de poder ou, se quisermos, dos processos de autonomia em construção (BRAND, 2010).

Segundo Silva (2000, p. 76), os processos de afirmação da identidade e/ou da diferença - termos “mutuamente determinantes” - são “fabricados” e “criados” no contexto das “relações culturais e sociais”, são resultados de um “processo de produção simbólica e discursiva” (2000, p. 81), indicando, portanto, disputas mais amplas “por recursos simbólicos e materiais”, no caso, dentro das instituições acadêmicas. A afirmação da identidade indígena dentro dos espaços acadêmicos deixa claro que está em disputa muito mais do que o direito ao acesso e permanência nesses espaços. Para esse autor (2000, p. 82), a “demarcação de fronteiras”, entre um “nós”, acadêmicos

índios e um “eles”, não-índios é resultado e, ao mesmo tempo, afirma e reafirma “relações de poder” em operação.

Por isso, os desafios maiores dizem respeito à dificuldade em construir experiências de interculturalidade ou relações interculturais, ou chegar a um diálogo de saberes dentro das IES, que exige questionar as relações de poder construídos pela modernidade (SOUZA SANTOS et alli, 2005), além da revisão de metodologias e currículos, para assim transitar em direção a uma educação mais engajada nos problemas diários vivenciados pelos povos indígenas. Exigem, acima de tudo, a superação, por parte das IES, do modelo da integração, historicamente imposto.

Não lidamos, apenas, com “sujeitos escolares carentes”, mas com “sujeitos étnicos diferentes”, frente aos quais não se trata da universalização da escolarização, apenas, ou de inclusão desses outros, excluídos, mas na abertura de espaços de diálogo de saberes. Percebe-se, hoje, ser mais fácil para as IES dialogar com as categorias de exclusão e inclusão social do que lidar com os desafios postos pelas diferenças, exigindo práticas de interculturalidade. E aí começam os desafios maiores, que dizem respeito à dificuldade em construir experiências de interculturalidade ou relações interculturais, ou, ainda, chegar a um diálogo de saberes dentro das IES.

Experiências desenvolvidas indicam que a participação de acadêmicos indígenas em atividades de pesquisa e extensão permite brechas importantes, especialmente na perspectiva desse diálogo de saberes, contribuindo para transformar os espaços acadêmicos, em espaços de trânsito, troca e articulação de saberes e alternativas para uma população que se confronta com inúmeros desafios novos.

Entre esses desafios destaca-se a aplicação de “novos paradigmas educativos que estimulam a necessidade de articular a ciência ocidental com os conhecimentos ancestrais dos povos indígenas e grupos étnicos” (GRUNBERG, 2005), objetivando possibilitar a capacitação, formação e profissionalização de recursos humanos na perspectiva desses povos. Segundo a experiência do Rede de Saberes, o engajamento desses acadêmicos em projetos de pesquisa e de extensão apresenta-se como um caminho importante na construção desse diálogo de saberes.

A partir de projetos de pesquisa e/ou de extensão, construídos em diálogo com problemas de suas comunidades, abrem-se perspectivas de soluções híbridas para problemas complexos, decorrente de trocas a partir de lógicas explicativas distintas,

desafiando os alunos a pesquisar e contribuir com a construção de melhores condições de vida para suas populações.

Conclusão:

No caso de Mato Grosso do Sul, as demandas indígenas apresentam especial complexidade, decorrente do forte sentimento “antiindígena”, que, também, perpassa as IES, atualizado pelos constantes conflitos em torno da posse dos territórios indígenas, e assumido, abertamente, pelos grandes latifundiários, ligados ao agronegócio e veiculado, cotidianamente, pelos meios de comunicação. São, certamente, ainda muitas as dificuldades em entender e dialogar com o universo cultural indígena e, assim, compreender seus esforços de inserção num ambiente percebido por eles, em muitos momentos, como hostil e discriminador.

Nesse contexto, o engajamento nos projetos de pesquisa e extensão, além de provocar repercussões no âmbito das comunidades indígenas, em especial uma melhor compreensão da situação vivenciada pelos seus povos, seus problemas e desafios, favorece relações de solidariedade com os professores orientadores, o que contribui para fortalecer a presença indígena nas IES. E, finalmente, tem permitido a geração de trabalhos que apresentados em eventos científicos, contribuíram, ainda, para uma maior visibilidade da contribuição indígena no enfrentamento de problemas atuais.

O diálogo com os povos indígenas, seus saberes e concepções de mundo, de sociedade e economia, podem abrir inéditas possibilidades para as IES e para os próprios povos indígenas no enfrentamento de velhos e novos problemas pós-coloniais, que atingem a todos, índios e não-índios.

Referências:

BRAND, Antonio. *Os acadêmicos indígenas e as lutas por autonomia de seus povos*, trabalho apresentado no Seminário Gramsci e os Movimentos Populares, organizado pela UFF, Niteroi, 2010, 15p, datilografado.

GRÜMBERG, George. *Las experiencias con una maestria en Antropologia social en un contexto multiétnico y con una amplia participación indígena*: MAS de URACCAN, Bilwi, Región Autónomas del Atlántico Norte (RAAN), Nicaragua. In: *Revista TELLUS*. Ano 5, nº. 8/9. Campo Grande: UCDB. 2005. p. 73-78.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org), Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula G.; NUNES, João Arriscado. Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo, in

Semear Outras Soluções. Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais, Boaventura de Sousa Santos (org.), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Ministério da Cultura, 2005, p. 21-45.



A experiência do Programa Conexões de Saberes na UFRN

Área temática: Educação

Responsável pelo trabalho: Iris Maria de Oliveira¹

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Autores: Iris Maria de Oliveira; Carlos José Wanderley Ferreira; Erica Reviglio Iliovitz; Elisete Schwade; Lucrécio Araújo de Sá Junior; Robson Teotônio da Silva; Rosângela Alves de Oliveira.

RESUMO:

A execução do Programa Conexões de Saberes na UFRN assume os objetivos nacionais do programa ao mesmo tempo em que busca fortalecer a política de extensão da instituição e ampliar a quantidade de alunos em ações extensionistas. Considerando que a permanência do estudante de origem popular na universidade é uma questão que demanda ações de natureza socioeconômica, pedagógica e acadêmica, o programa procura criar um ambiente intelectual receptivo a esse aluno e as suas experiências. Objetiva disseminar, entre tais estudantes uma prática de pesquisa e extensão; fortalecer os vínculos identitários dos jovens de origem popular com seus grupos sociais e seus territórios de origem; desenvolver estudo sobre a realidade do ensino superior público e as ações afirmativas; criar condições de permanência e sucesso aos estudantes das comunidades populares e desenvolver ações e projetos sociais nesses territórios. As estratégias de atuação são: formação acadêmica, por meio de oficinas, grupos de trabalho (nos quais se encaminha o treinamento do aluno em pesquisa e se discute a inserção na extensão), seminários e cursos de curta duração. Na extensão os alunos atuam em comunidades populares e se inserem em atividades em domínios próximos de suas áreas de formação. O programa atende atualmente 48 alunos como bolsistas, oriundos de 23 cursos de graduação. A maioria desses alunos tiveram acesso a universidade após dois ou mais vestibulares. Se procura desenvolver uma experiência de extensão compreendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável.

Palavras chaves: Extensão Universitária; Conexões de Saberes; Comunidades Populares.

Introdução

A UFRN assumiu a execução do Programa Conexões de Saberes em 2006, a partir da aceitação pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária do convite feito pelo Ministério da Educação através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. Na oportunidade, além de assumir os objetivos nacionais do programa buscou fortalecer a Política de Extensão da Instituição e ampliar a quantidade de alunos envolvidos em ações extensionistas.

¹ Professora do Departamento de Serviço Social da UFRN e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRN. Coordenadora Local do Programa Conexões de Saberes. Tutora do Grupo PET-Conexões Comunidade Urbana – UFRN.



Historicamente as instituições públicas de ensino superior no Brasil, concentram camadas privilegiadas da sociedade, pois seus processos seletivos, orientados por indicadores de desempenho acadêmico, privilegiam aqueles que, por contarem com uma melhor situação econômica, têm acesso facilitado ao ensino de melhor qualidade no segundo grau.

Reverter esse quadro é tarefa urgente das universidades públicas. O Programa Conexões de Saberes (e atualmente o PET-Conexões) é uma ação importante nessa direção, na medida em que considera a permanência do estudante de origem popular uma questão que demanda ações não apenas de natureza socioeconômica, mas também de natureza pedagógica e acadêmica. Para tanto, procura criar na Instituição um ambiente intelectual receptivo aos saberes que estes trazem em decorrência de suas experiências escolares e existenciais.

No período 2008-2011 o Programa Conexões de Saberes tem atendido entre 35 a 48 bolsistas, incluindo as bolsas oriundas da parceria do Programa Conexões de Saberes com o Programa Escola Aberta. Os alunos são oriundos de 23 (vinte e três) cursos² presenciais dentre os 75 cursos de graduação oferecidos pela UFRN e se constitui em uma possibilidade concreta de construção de novas relações entre os estudantes universitários oriundos de espaços populares e a instituição acadêmica a partir de ações que se fundamentam em três diretrizes acordadas nacionalmente: 1) Político-institucional; que visa contribuir com o debate no interior da UFRN sobre ações afirmativas, democratização do acesso e permanência com qualidade de estudantes de origem popular na universidade. 2) Formação acadêmica; voltada para a formação acadêmica dos estudantes de origem popular participantes do Programa como pesquisadores e extensionistas, visando sua atuação qualificada, do ponto de vista social e técnico-científico, em diferentes espaços sociais, nas comunidades populares e na universidade. 3) Interação comunidade e universidade realizada por meio da implementação de projetos de extensão-ensino-pesquisa que promovam o encontro e a troca de saberes e fazeres entre as comunidades populares e a universidade.

O programa desenvolve ações formativas com os alunos bolsistas e de pesquisa e extensão nos seguintes espaços populares: pequenas cidades e bairros populares do

² Biblioteconomia, Ciências Biológicas (Licenciatura), Ciências Contábeis, Direito, Enfermagem, Engenharia da Computação, Engenharia Têxtil, Farmácia, Física (Licenciatura), Geografia (Bacharelado) Geografia (Licenciatura), Gestão de Políticas Públicas, História (Licenciatura), Letras Inglês, Matemática (Bacharelado e Licenciatura), Medicina, Odontologia, Química (Licenciatura), Pedagogia, Química, (Bacharelado), Serviço Social, Teatro, Turismo.

município de Caicó-RN (Região do Seridó no RN), a cidade de Parnamirim, localizada na região metropolitana, a 25 km da Capital (Natal) e bairros populares de Natal: Mãe Luiza (Região Leste), Redinha e Loteamento Boa Esperança (Região Norte), Felipe Camarão (região Oeste). As ações de extensão contemplam cursinho pré-vestibular comunitário e um conjunto de atividades junto a crianças e adolescentes desenvolvidas em parceria com organizações não-governamentais.

As ações desenvolvidas buscam efetivar os seguintes objetivos: a) disseminar, entre os estudantes de origem popular, uma prática de pesquisa e extensão que privilegie o mapeamento das condições econômicas, culturais, educacionais e de sociabilidade como ponto de partida para a implementação de ações sociais, envolvendo grupos em situação de vulnerabilidade social; b) Formar estudantes universitários de origem popular para que articulem os estudos desenvolvidos no ensino superior público e os saberes dos espaços populares, e discutam possíveis ações voltadas para a democratização das políticas universitárias; c) Fortalecer os vínculos identitários dos jovens de origem popular com seus grupos sociais e seus territórios de origem, diante da possibilidade de *desenraizamento* social e cultural, vivenciado a partir de sua experiência universitária; d) Desenvolver estudos sobre a realidade no ensino superior público e as ações afirmativas; e) Estimular a formação de novas lideranças capazes de articular competência acadêmica com compromisso social; f) Criar condições de permanência e sucesso aos estudantes da UFRN provenientes das comunidades populares.

Material e metodologia

A dinâmica de funcionamento do Programa envolve: 1) atividades de organização, que são as reuniões periódicas da equipe de professores e desta com todos os alunos bolsistas, funcionamento de uma sala de apoio aos bolsistas e professores da equipe. 2) Formação acadêmica continuada dos alunos bolsistas por meio de oficinas, grupos de trabalho temáticos, seminários e cursos de curta duração. Destacam-se as seguintes oficinas: de elaboração de projetos sociais, de produção de texto, de abordagem metodológica em sala de aula, voltada para alunos que atuam em cursinhos pré-vestibulares comunitários, e a oficina de iniciação a pesquisa. Os grupos temáticos por sua vez são espaços nos quais os bolsistas desenvolvem a experiência de iniciação científica, com estudos em torno de uma temática específica. Nesses grupos, os professores também discutem com os alunos a sua inserção na extensão, orientando-os quanto às atividades realizadas nos grupos e

comunidades populares. 3) Promoção de ações de pesquisa e extensão nas comunidades populares anteriormente referidos e que se caracterizam pela presença significativa de uma população infanto-juvenil no contexto populacional dessas áreas, ausência de serviços sociais básicos tais como: infra-estrutura urbana, transporte coletivo de qualidade, saneamento básico, saúde, educação, equipamentos de esporte e lazer, entre outros. Alto índice de desemprego, de consumo de drogas, de mortalidade juvenil. Em todas as localidades, o programa conexões de saberes atua em parceria com Organizações Não-Governamentais e/ou projetos de extensão em andamento na instituição. 4) Também é realizado o acompanhamento da trajetória acadêmica dos estudantes universitários de origem popular vinculados ao Programa

Resultados e discussões

Atualmente o Programa Conexões de Saberes atende 48 (quarenta e oito) alunos como bolsistas. Destes, 43 (quarenta e três) são matriculados no campus central e 05 (cinco) são alunos do CERES de Caicó. Entre os alunos do campus central, 08 (oito) são vinculados a parceria do Programa Conexões de Saberes com o Programa Escola Aberta.

Os bolsistas do programa são na sua maioria do sexo feminino (56,7%) e proveniente de municípios do interior do RN (60%). Essa é uma característica predominante no aluno bolsista do Conexões na UFRN desde o primeiro grupo de alunos selecionados em 2006. Os demais moram em comunidades populares de Natal e da grande Natal (23%). Em termos de cor a maioria se autodeclara parda (34,8%), preta (8,7%), morena (8,7%) ou negra (17,4%) e para 86,2% deles o pai cursou no máximo até o 8º ano do ensino fundamental. Para 79,3%, deles a mãe cursou somente até esse nível de ensino. Com relação à situação sócio-econômica 64,3% desses alunos tem renda familiar de até no máximo dois salários mínimos. Sendo que 60% possuem cinco ou mais pessoas no domicílio.

Na vida universitária, 83,3% utiliza o restaurante universitário. A bolsa se destina fundamentalmente a cobrir despesas com reprodução de textos, transporte, material escolar, instrumentos e alimentação. É um grupo de alunos que ingressa no programa com baixa participação em movimento estudantil. Aqueles que participam passaram a fazê-lo após sua entrada no programa. Também são alunos que já sofreram algum tipo de discriminação, o que é afirmado por 62% deles. A motivação para a discriminação é diversa, mas predomina a cor ou raça, a opção religiosa e ser morador de espaços populares.

O programa vem contribuindo com a formação acadêmica continuada dos alunos bolsistas e com a promoção de ações de pesquisa e extensão em comunidades populares. As ações formativas favorecem que estes se percebam como educadores sociais, no caso daqueles que atuam em Escolas Abertas. Para os alunos de cursos de licenciatura a participação em projetos de cursinhos pré-vestibulares comunitários tem sido uma oportunidade para vencer a timidez e o medo em sala de aula, assim como favorece um melhor desempenho nos seus cursos. De modo geral a inserção dos alunos nos projetos de extensão tem permitido um olhar diferenciado para as questões sociais. O contato com as comunidades e as reflexões conduzidas nos Grupos de Trabalho tem apontado para alguns desafios no interior dos quais aos poucos esses alunos vão reconhecendo a sua condição na sociedade.

Conclusão

O Programa Conexões de Saberes é uma experiência de extensão profundamente articulada com o ensino e a pesquisa. Nela se assume a Extensão Universitária como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, para viabilizar relações transformadoras entre a universidade e a sociedade.

Neste sentido, ela contribui com a efetivação do Projeto Pedagógico Institucional da UFRN no que se refere a realização da interdisciplinaridade, da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, da articulação entre saberes científico e popular, da promoção de uma formação profissional integrada a realidade social e diversificada no que se refere aos espaços de formação em que ela acontece, articulação teoria-prática, o uso de novas tecnologias e a realização da pesquisa identificada com os interesses sócio-econômicos do Rio Grande do Norte (Universidade..., 2010).

REFERÊNCIAS:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Termo de Referência** para execução no ano de 2007 do Programa Conexões de Saberes. Brasília (DF), MEC/SECAD, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN. **Plano de Desenvolvimento Institucional – 2010/2019**. Proposta para discussão. Nata: UFRN, 2010. Disponível em: <http://www.sistemas.ufrn.br/portallufrn/PT>. Acessado em 31.01.2011.

AS FRONTEIRAS DOS DIREITOS HUMANOS: IMIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO

Área temática: Educação

Responsável pelo trabalho: Ivy Mayumi de Moraes

Universidade de São Paulo (USP)

Autores: Ana Mazzotini; Andreza Galli; Bárbara Paes; Beatriz Sanchez; Catarina Mastelaro; Fernanda Ferreira; Isadora Moura; Ivy Mayumi de Moraes; Leonardo Rodarte; Letícia dos Reis; Monica Oliveira; Pedro Charbel; Pedro Freitas; Rafaela Pinto; Raísa Cetra; Renata dos Santos Braga; Ribeka Suzuki; Thiago Firbida; Thiago Haruo Santos

Resumo

O projeto Educar para o Mundo iniciou-se em 2009 e propõe construir uma nova práxis de extensão universitária na área de relações internacionais, calcada na pedagogia freiriana. Por meio de uma metodologia dialógica de ação sobre a realidade que queremos transformar e buscando fazer com que as pessoas se tornem sujeitos da transformação da própria realidade, práticas alternativas de difusão e ensino de direitos humanos – com foco na promoção dos direitos de imigrantes latino-americanos residentes na cidade de São Paulo – são inseridas na escola pública e na comunidade que a circunscreve. Atualmente, o projeto se faz presente em diferentes frentes de atuação: desenvolve atividades em parceria com escola da rede pública, movimentos e associações de imigrantes, além de se inserir na luta pela transformação das estruturas da própria universidade. Como metodologias de ação, oficinas proporcionaram a troca de saberes abordando temas de relevância para a educação popular dos Direitos Humanos a partir da arte e do mundo da cultura; e seminários permitiram discussões acadêmicas em parcerias com os movimentos sociais. Assim, essas duas formas de interagir com a comunidade evidenciaram a consumação de ideais extensionistas, visto que possibilitaram a interação entre a universidade, a escola e a comunidade.

Palavras-chave: Extensão comunicativa; imigração; Direitos Humanos

Introdução

O conceito de Extensão Universitária é uma expressão em disputa acerca da maneira de como deve se estabelecer a interação entre Universidade e Sociedade. Por sua indefinição e falta de regulação, agrega todas as iniciativas que não se encaixam em Ensino ou Pesquisa. Encontra, de um lado, empresas-júnior, cursos pagos e fundações de apoio, e, de outro, projetos de extensão com raro apoio institucional ou mesmo docente, mas que

pautam uma universidade que confira valor social ao conhecimento produzido e que traga para dentro dela outras formas de conhecimento existentes fora de seus muros.

Nessa última direção, o projeto Educar para o Mundo (EPM), iniciativa pioneira do Centro Acadêmico Guimarães Rosa (Instituto de Relações Internacionais/USP) com a coordenação da professora Deisy Ventura, iniciou-se em 2009 e propõe construir uma nova práxis de extensão universitária na área de relações internacionais, calcada na pedagogia freiriana. Por meio de uma metodologia dialógica de ação sobre uma realidade que queremos transformar e buscando fazer com que as pessoas se tornem sujeitos da transformação da própria realidade (FREIRE, 1971; FREIRE, 1994), práticas alternativas de difusão e ensino de direitos humanos – com foco na promoção dos direitos de imigrantes latino-americanos residentes na cidade de São Paulo – são inseridas na escola pública e na comunidade que a circunscreve.

Promover uma educação voltada ao reconhecimento do outro, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais na construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas, e orientado à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade e políticas de identidade é o horizonte e a concepção de multiculturalismo que embasa os projetos e as ações do EPM (CANDAU, 2008; BENEVIDES, 2004). Entretanto, o direito à educação dos imigrantes em São Paulo encontra-se comprometido tanto por exigências de documentações à matrícula e discriminações recorrentes (acessibilidade), como também têm suas diferenças ignoradas pela estrutura escolar (aceitabilidade e adaptabilidade) (TOMASEVISKY, 1999).

Os direitos humanos dos imigrantes, por sua vez, são restringidos de maneira mais geral no Brasil, pela Lei 6815 de 1980, chamada de Estatuto do Estrangeiro, a qual determina a condição jurídica dos imigrantes aqui presentes. Resquício da ditadura militar brasileira traz consigo todo o ranço securitário e a burocracia extrema. Atualmente, tramita no Congresso Nacional um projeto de lei (PL 5655/2009) que visa substituí-la, no entanto, este PL pouco avança com a relação à legislação anterior.

Dessa forma, pareceu-nos necessária a articulação entre os diversos atores e âmbitos de atuação nos quais as atividades do projeto estão inseridas. Atualmente, o EPM, a fim de dar maior consistência às suas atividades, faz-se presente em diferentes campos de ação. Entre eles, desenvolve atividades em parceria com a Escola Municipal Infante Dom Henrique, articula ações com movimentos e associações de imigrantes – principalmente em busca de mudanças de legislação e efetivação de políticas públicas dos governos municipal, estadual e federal –, além de se inserir na luta pela transformação das estruturas

da própria universidade e da visão sobre sua função social em parceria com outros projetos de extensão, formando o Fórum de Extensão da USP.

Material e Metodologia

As atividades do projeto começaram em 2009, na parceria com a Infante D. Henrique, localizada no bairro do Canindé, em São Paulo, na qual cerca de 10% do corpo discente é imigrante. Primeiramente, buscou-se a aproximação com o corpo docente e a coordenação da escola e no segundo semestre, iniciou-se a realização de oficinas com os alunos da escola, as quais proporcionaram uma atividade mais livre de troca de saberes, sendo um espaço com menor formalidade e em que todos possuíam a mesma possibilidade de intervenção. Optou-se por realizar três oficinas simultâneas a partir de encontros quinzenais, as quais receberam os nomes de Oficina de Grafite, Oficina de Quadrinhos e Oficina de Fotografia, e abordaram temas de relevância para a educação popular dos Direitos Humanos a partir da arte e do mundo da cultura, facilitando assim a aproximação do tema com o indivíduo.

Em 2010, o projeto promoveu em conjunto com a escola três oficinas com o objetivo de discutir espaço público, educação pública e direitos humanos. Além disso, realizou-se uma intervenção de grafite em parceria com o grêmio da escola, o Centro de Apoio ao Migrante (CAMI) e a Associação Kantuta na Praça Kantuta, local de congregação da comunidade latinoamericana, a fim de buscar uma real e simbólica apropriação desse espaço público.

Além dessas atividades com a escola, o EPM consolidou, no ano de 2010, suas outras frentes de atuação. Participou da formação do seminário “Estatuto do Estrangeiro” e de oficinas de Jornalismo Comunitário com o objetivo de capacitar a comunidade de imigrantes latinoamericanos a participar da elaboração e produção de matérias para o Jornal da comunidade, o *Conexión Migrante* em parceria com o CAMI.

Resultados e Discussões

No ano de 2009, os resultados do projeto se concentraram nas produções geradas a partir das oficinas realizadas. A apresentação para toda a comunidade na festa de final de ano da escola, a Festa das Nações, evidenciou a consumação de ideais extensionistas, visto a possibilidade de interação entre a universidade, a escola e a comunidade.

A Oficina de Grafite foi pensada para tentar romper o cinza da cidade e do cotidiano e para aproximar a arte do povo. Tendo o muro da escola como suporte,

desmistificou-se o “fazer arte” ao torná-lo acessível. Após discussões sobre o histórico do grafite – método de expressão artística de rua, acima de tudo, um instrumento para revelar realidades oprimidas e uma forma de contestação à ordem vigente que não garante direitos fundamentais a determinados grupos sociais –, foram realizadas atividades com o apoio do grafiteiro Júlio Dojcsar (Casadalapa) para a confecção, pelos alunos, de estêncils representativos de suas identidades, os quais foram grafitados no muro da escola.

Por sua vez, a Oficina de Quadrinhos possibilitou a discussão concreta acerca da Declaração dos Direitos da Criança da ONU, bem como a reflexão sobre os problemas da convivência e da discriminação, na escola e em outros ambientes, que geram violações desses direitos. Os alunos confeccionaram suas próprias histórias em quadrinhos digitais, para que depois, por meio do uso de massas de modelar e fotografias das cenas e situações, essas histórias se transformassem em curtas-metragens.

De outro lado, a oficina de fotografia trouxe a questão da preservação da identidade com o tema “Auto Retrato”. Os alunos confeccionaram máquinas fotográficas *pinhole* e registraram momentos individuais e em grupo, que suscitaram o debate a respeito das suas autoimagens e da percepção de pertencimento e identidade dos grupos. A atividade permitiu a afirmação de minorias na escola, discriminadas pela sexualidade, pelo gosto musical ou pelo país de origem.

Já no ano de 2010, o projeto teve êxito no retorno das discussões externas à universidade, tanto a partir das oficinas realizadas com os alunos da Infante D. Henrique quanto na realização de um seminário em parceria com os movimentos sociais.

Na primeira oficina em ação conjunta com a escola, a participação de estudantes do Cursinho Comunitário Pimentas, de Guarulhos, permitiu a discussão e o compartilhamento de experiências, bem como a problematização da questão do acesso à educação pública e os problemas enfrentados pelos alunos em suas escolas. Na segunda oficina, cerca de 40 alunos da escola visitaram a USP, na qual, além de conhecerem os espaços da universidade, questionaram a questão do espaço público e sua relação com ele a partir da (não) apropriação da comunidade como tal. Além disso, os alunos puderam visitar a exposição de fotos das oficinas do ano anterior, localizada na Faculdade de Economia e Administração da USP. Na terceira e última oficina do semestre, os alunos, reunidos na escola Infante D. Henrique, apresentaram as fotografias que eles produziram durante a visita na USP, retomando e compartilhando pontos centrais de discussões anteriores.

Em 2010, o projeto também concretizou sua expansão na articulação política com os movimentos sociais. Conseguiu estabelecer a ponte entre esses movimentos e a

universidade a partir da realização, em parceria com diversas instituições, dentre elas o CAMI, de um seminário na Faculdade de Direito da USP que discutiu a proposta de um novo “Estatuto do Estrangeiro”, inclusive com a produção de asserções críticas ao anteprojeto de lei.

Para o ano de 2011, continuaremos com a atuação junto à escola na formulação de um Projeto Político Pedagógico pautado na diversidade. Em tal projeto está inserida a produção de uma cartilha de Direitos Humanos, a qual será produzida pelos alunos e professores, a partir de oficinas e ciclos de formação. Também pretendemos, fora da escola, continuar a parceria com o CAMI, além de planejar e executar a produção de um documentário que retrate as possibilidades e limites da práxis extensionista. Além disso, seguiremos, dentro da universidade, na luta por pautar a extensão popular, principalmente em parceria com os projetos que formam o Fórum de Extensão da USP.

Conclusão: Limites e possibilidades

A partir das vivências de uma extensão freiriana, colocaram-se diante de nós três principais limitações, as quais demonstram a necessidade concreta de construção e reconstrução constante dos métodos para se fazer tal extensão, a fim de que sejam progressivamente superadas. São elas: o seu real impacto na transformação social para a superação das opressões; o modo dialógico e horizontal de interação com o ator social; e o caráter participante e interdisciplinar na produção de conhecimento. Assim, a partir de indagações como “sob quais critérios é possível integrar o migrante ao sistema educacional público, de modo que essa integração o conscientize de seu papel como sujeito transformador”, o EPM constantemente se coloca a refletir em busca de um real diálogo com as realidades que o cerca e no intuito de se constituir um projeto que fomente a emancipação social.

Referências bibliográficas

- TOMASEVISKY, Katarina Tomasevsky. Observações gerais n.13 do Comitê DESC. 1999
- BENEVIDES, Maria Victória. *Educação para a democracia*. Lua Nova. Revista de Cultura e Política, v. 38, p. 223-237, 2004.
- CANDAU, Vera Maria. *Direitos Humanos, Educação e Interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37. 2008
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1971.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1994.

“CARRINHO (D)E BONECA”

Área Temática:

Educação

Responsável pelo Trabalho:

Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha

Instituição:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Nomes dos alunos:

Marina Richter Duarte; Ana Carolina Brandão Verissimo

Resumo:

“Carrinho d(e) Boneca” é uma proposta de extensão vinculada a um projeto de pesquisa que vem sendo realizado com mulheres da Vila Cruzeiro – Porto Alegre/ RS/Brasil - denominado: "Justiça com as próprias mãos": grupos de discussão e trabalhos manuais com mulheres negras atendidas pela “Maria Mulher” - os limites da/na legislação e a possibilidade de construir coletivamente alternativas viáveis para a superação de situações de opressão”. Estas mulheres que frequentam a OnG, muitas vezes não tinham com quem deixar seus filhos ou os levavam para os encontros, entretanto, dispersavam-se das discussões, pois tinham que dar atenção às crianças. Assim, a ação “Carrinho (d)e Boneca”, tem como objetivo geral: promover atividades com as filhas e filhos de mulheres que integram os grupos familiares da OnG Maria Mulher na Vila Cruzeiro, envolvendo jogos, leituras e brincadeiras que busquem problematizar as relações desiguais entre os sexos. Desde o final do mês de abril, realizamos oficinas de leitura, jogos e brincadeiras com as crianças em idade escolar e pré-escolar. Através de reuniões de sistematização entre as educadoras participantes e com a produção de relatórios da ação, buscamos realizar uma avaliação continuada da proposta. Com as crianças, são realizados momentos de conversa para sistematizar a percepção sobre a ação e a repercussão do trabalho com as mesmas, partindo da intenção inicial de problematizar as relações desiguais entre meninas e meninos.

Palavras-chave: processos educativos não-escolares, infâncias, equidade.

Introdução:

O título da proposta "Carrinho (d)e Boneca" apresenta, através de um jogo de palavras, o mote principal desta ação extensionista. Pode ser lido como: "Carrinho e boneca" referindo-se a divisão sexual das brincadeiras e brinquedos na infância. Por outro lado, por poder ser compreendido como "Carrinho de Boneca" faz uma alusão a uma das brincadeiras que historicamente tem sido destinada às meninas, na promoção de um papel determinado na sociedade (mãe e esposa) o qual não é experimentado pelos meninos.

Também caracteriza a ideia de que é no âmbito familiar, na relação entre mães e filh@s, que estas naturalizações podem ser problematizadas.

Esta proposta tem como fomento inicial, falas cotidianas que afirmam que "as mulheres reproduzem o machismo porque são elas que educam as crianças". Consideramos esta uma visão estreita e tendenciosa do papel de "mães-mulheres", no momento em que atribui apenas às mulheres a disseminação e naturalização de relações de poder que as oprimem. A partir da problematização destes discursos, bem como do lugar quase único das "mães-mulheres" na educação das crianças, propõe-se esta ação. Outrossim, cabe dizer que não é ignorado o fato de que, na infância, muitos conceitos e estereótipos sobre o feminino e seus possíveis lugares sociais, cristalizam-se. Acreditando que vivenciamos "condicionamentos" que podem ser problematizados e superados, propomos um diálogo com a infância que possa, inclusive, gerar contrapontos aos discursos naturalizados no cotidiano familiar. Pensamos que, além da problematização feita com as mulheres na OnG Maria Mulher, cabe este momento com "suas" crianças, em rede.

Esta proposta de ação extensionista está vinculada a um projeto de pesquisa que vem sendo realizado com mulheres da Vila Cruzeiro, que frequentam a OnG – Maria Mulher-, denominado: "Justiça com as próprias mãos": grupos de discussão e trabalhos manuais com mulheres negras atendidas pela “Maria Mulher” - os limites da/na legislação e a possibilidade de construir coletivamente alternativas viáveis para a superação de situações de opressão”. Estas mulheres, por sua vez, não tinham com quem deixar seus filhos, desta forma não iam às discussões ou acabavam levando-os nos encontros. Com a presença das crianças nestes momentos, acabavam dispersando-se nas discussões, pois tinham que dar atenção às crianças.

Desta forma temos como objetivo geral: Promover atividades com os filhas e filhos de mulheres que integram os grupos familiares da OnG Maria Mulher na Vila Cruzeiro, envolvendo jogos, leituras e brincadeiras que busquem problematizar as relações desiguais entre os sexos. E como objetivos específicos: Realizar atividades de leitura de livros que contribuam para a problematização dos lugares/papéis sociais de meninas e meninos; Promover atividades com jogos teatrais que contribuam no questionamento dos lugares/papéis sociais de meninas e meninos; Criar um espaço para a criação de jogos, brincadeiras e histórias que promovam equidade na relação entre meninos e meninas; Questionar com as crianças o determinismo cultural que separa o que "é de menino" e o que "é de menina"; Promover um espaço para o exercício de relações mais equitárias entre

meninos e meninas; Buscar a construção de um ambiente em que meninos e meninas possam questionar a naturalização de relações desiguais entre homens e mulheres.

Metodologia

Uma vez por semana duas bolsistas de extensão realizam na sede da OnG, o encontro com as crianças. As atividades são elaboradas em um planejamento previamente discutido e orientado pela professora coordenadora do projeto. Com os participantes, são realizados jogos, oficinas culinárias, além de serem realizadas “Horas do Conto”. Procura-se variar as atividades para que haja um melhor aproveitamento e envolvimento das crianças, para que possam ser experienciados diversos materiais e propostas.

Dispomos, como recursos didáticos: jogos confeccionados pelas extensionistas, livros de literatura infantil, balões, lápis de cor, canetas hidrocor, tinta, folhas A4, papel cartaz, dentre outros. Disponibilizamos de um espaço na sede da OnG, onde ocorrem as oficinas. A sala é pequena e pouco iluminada. Apresenta cores escuras, com algumas manifestações de arte das crianças que estiveram em outros projetos da instituição. Há estantes, cadeiras, duas mesas e uma pia. Aos poucos, vamos otimizando o espaço.

Durante nossas tardes, costumamos fazer uma atividade inicial que sirva de base para desenvolvermos as demais. Ao final de cada encontro procuramos, junto com as crianças, retomar as atividades que mais gostaram e as que menos gostaram, a fim de rever nosso planejamento e propor novas ideias.

O primeiro encontro realizou-se dia 28 de abril de 2011. No primeiro momento, tivemos uma conversa informal com as mulheres que participam do “grupo de família” (atividade realizada pela OnG), apresentando a proposta de pesquisa e de extensão. Assim, reiteramos o convite para outras crianças da comunidade, salientando que também poderiam participar desde que suas mães estivessem participando da reunião.

Logo após essa conversa, as bolsistas chamaram as crianças presentes para se dirigirem à outra sala onde realizariam as atividades previamente planejadas. No total, havia três crianças: duas meninas e um menino. Somente as meninas quiseram nos acompanhar para a realização das propostas.

Iniciamos a dinâmica fazendo uma apresentação com os nomes, o que gostavam de fazer e de brincar, e como era sua família. A partir daí, seguimos com nosso planejamento que tinha como objetivo introduzir a discussão das relações de gênero através de uma fábula que lhes foi apresentada, e também estimular a reflexão das crianças sobre as

diferenças que existem entre meninos e meninas, sem que elas sejam motivo para as “desigualdades”. Esta discussão foi pensada a partir da pintura de máscaras de diferentes animais, que deveriam ser caracterizadas com acessórios que apresentassem características “masculinas” e femininas” em cada personagem.

O segundo dia de encontro aconteceu dia 26 de maio de 2011, em que contávamos com a presença de cinco crianças. As atividades foram propostas com o objetivo de proporcionar uma reflexão sobre as questões de gênero e a importância da amizade entre meninos e meninas. Procuramos atingir este objetivo, através da contação de uma história, que tratava de um tema favorável à discussão sobre a necessidade de respeito às diferenças, sem discriminação, durante as atividades e brincadeiras das quais participavam. E ainda, promover um espaço de cooperação e socialização através da promoção da coletividade.

Iniciamos com a exploração do espaço e dos materiais disponíveis (Balões). Logo em seguida, após a contação, realizamos a confecção de uma menina e de um menino, personagens da história, que foram decorados com lápis, *glitter* e tecidos. Essa proposta abriu a discussão sobre os estereótipos criados e as características que eles demarcaram de um gênero e de outro. Ao final, entregamos os balões, que foram utilizados no início da tarde.

Resultados e Discussões

Como estamos no início da ação, podemos expressar algumas considerações iniciais: estas crianças, moradoras da periferia de Porto Alegre, algumas com cinco anos de idade, não frequentam a Educação Infantil e ainda, algumas que frequentam a escola, faltam e acompanham suas mães durante a tarde. Nas crianças que já estão na escola, pode-se perceber que já possuem uma maior compreensão das “distinções” entre meninos e meninas. Talvez isto aconteça, pois ocorre uma série de demarcações por sexo nesta instituição (por exemplo, filas de meninos e meninas, brincadeiras separadas por gênero, cores distintas focalizadas no rosa e azul). Também é importante salientar que, por vezes, as crianças que participam da ação e frequentam a escola, tem dificuldades de aceitar que meninos podem usar cabelo comprido, brincos, roupas vermelhas e amarelas, delimitando estas características exclusivamente para meninas.

Conclusão

Na condição de Pedagogas em formação, percebemos a necessidade de que sejam trabalhadas questões de gênero com as crianças desde pequenas, pois é fundamental que possamos problematizar as relações desiguais entre os sexos que gera violência e discriminação. Pensamos em problematizar com as crianças que as características fisiológicas não são determinantes, pois as oportunidades devem ser oferecidas para ambos os sexos.

Também levamos em consideração os aspectos ligados à etnia. Achamos que os encontros, além de promover a socialização, estimulam aquelas crianças a pensarem em seus lugares de gênero e etnia, na sociedade em que vivemos.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, STRECK, Danilo R. **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida: SP, Idéias e Letras, 2006. 295p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculos de Cultura. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.76-78.

CUNHA, Aline Lemos da. **“Histórias em múltiplos fios”: o ensino de *manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas***. 2010. 266f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2010].

CONHECER PARA TRANSFORMAR: UMA ANÁLISE DOS EVENTOS NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR QUE PODEM CAUSAR O BULLYING

Área temática: Educação

Responsável: Jérssia Laís Fonsêca dos SANTOS

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Jérssia Laís Fonsêca dos SANTOS¹; Patrícia Nunes da FONSÊCA²; Patrícia Oliveira de ANDRADE³

RESUMO

A escola é um espaço imprescindível para a formação dos indivíduos, todavia, muitas delas estão suscetíveis a atos de violência, além de não disporem de atividades interessantes e motivadoras que estimulam os alunos a desejarem participar de forma efetiva do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo identificar as condições físicas, profissionais, relacionais entre os atores do contexto escolar, possíveis desencadeadoras de comportamentos de *bullying*. A primeira parte do projeto foi realizada através de observações semanais, durante quatro meses, por duas alunas extensionistas em uma escola pública municipal de João Pessoa. Buscou-se observar a estrutura física da escola, a funcionalidade, a atuação dos profissionais e as relações entre os atores sociais. Em seguida, as observações foram analisadas de forma qualitativa com vistas a auxiliar a construção de um plano de intervenção. Os resultados das análises mostraram que a escola encontra-se com alguns problemas estruturais; os professores demonstram desinteresse pelas atividades desenvolvidas, uma postura autoritária, em algumas situações, agride verbalmente os alunos, que respondem também de forma agressiva. É relevante observar que, os aspectos físicos, mas, sobretudo, os relacionais, têm colaborado para o desenvolvimento de comportamentos agressivos e violentos dos alunos que, por sua vez, já não participam de um convívio familiar harmonioso. Conclui-se que é necessário constituir um plano de intervenção pautado em atividades de sensibilização, orientação e formação para os professores, além de desenvolver atividades artísticas e culturais para os alunos a fim de promover comportamentos socialmente desejáveis e uma cultura de paz na escola.

Palavras-chave: Escola, avaliação, bullying.

Introdução

A escola é um espaço acadêmico que tem a função de proteger à criança, promover a socialização e o desenvolvimento de habilidades cognitivas, psicomotoras, emocionais e sociais, com vistas à formação do indivíduo enquanto cidadão. É uma instituição imprescindível para o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas, das organizações e das sociedades. Na perspectiva de Vygotsky, o aprendizado impulsiona

¹Aluna do curso de Psicopedagogia/UFPB; ²Professora Adjunta do Departamento de Psicopedagogia/UFPB; ³Aluna do curso de Psicopedagogia/UFPB

o desenvolvimento, portanto, a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico dos indivíduos (OLIVEIRA, 1997). A escola introduz, progressivamente, as ideias, os conhecimentos, os valores e as condutas socialmente desejáveis, contribuindo para o controle social só que de modo substitutivo dos mecanismos externos de controle, uma vez que busca desenvolver no indivíduo o autocontrole (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998).

Um dos grandes desafios da escola é fazer do ambiente escolar um meio que favoreça o aprendizado, proporcionando descobertas de forma prazerosa. Segundo Libâneo (2005), a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos. Todavia, algumas escolas públicas não condizem com esta realidade, pelo contrário, estão suscetíveis a atos de violência, como se pôde ver, recentemente na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, que estava suscetível a entrada de indivíduos sem a devida fiscalização e segurança. Além de não disporem de meios eficientes de segurança, há um descuido público com prédios e bens da instituição, fato que desestimula crianças e jovens a frequentarem a escola e, principalmente, a aprenderem. Frente ao exposto, pensou-se em desenvolver um trabalho que tivesse por objetivo identificar as condições físicas, profissionais, relacionais entre os atores do contexto escolar, possíveis desencadeadoras de comportamentos de *bullying*.

Material e Metodologia

Este trabalho é uma etapa de um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba e do Núcleo de Desenvolvimento Humano, Educacional e Social (CNpq). Tem como coordenadora a Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Nunes da Fonsêca e cinco membros colaboradores.

O projeto está sendo desenvolvido em uma Escola Municipal de João Pessoa, no bairro de Manaíra, por ser identificada pela Secretaria de Educação desse município como uma escola com alto índice de violência. Esta instituição escolar absorve um público de baixa renda, onde tem sido conhecida pelo elevado índice de criminalidade e de usuários de drogas. O projeto tem recebido o apoio da Universidade Federal da Paraíba e do Ministério Público da Paraíba, através da Promotoria Estadual da Infância e da Adolescência, que possibilita o diálogo entre Secretaria de Educação do Município e a coordenadora.

O projeto foi estruturado em três etapas: a primeira busca conhecer e analisar a realidade física, dos profissionais que trabalham na instituição, alunos e das relações constituídas entre os atores com vistas a identificar condições promotoras de comportamentos violentos, que estimulam as ações de *bullying*; a segunda visa realizar intervenção que promova comportamentos socialmente aceitos e que estimulam a cultura de paz, especialmente através da mediação de conflitos; e por fim, realizar uma reavaliação do contexto institucional, verificando a efetividade da intervenção. Para a realização da primeira parte do projeto, os colaboradores fizeram observações na escola, duas vezes por semana, durante quatro meses, sempre no período vespertino.

Resultados e Discussões

A partir das observações realizadas, pôde-se constatar que a escola funciona em um espaço amplo, composto por diversas salas, as quais estão distribuídas no térreo e no primeiro andar. A escola não possui pátio, neste caso, os alunos brincam nos corredores, que não são espaçosos. As salas de aula têm boas condições físicas, sendo arejadas e com iluminação adequada, embora haja uma ausência de lixeiros na maioria delas; as carteiras são conservadas, porém a quantidade é insuficiente para todos os alunos. A biblioteca possui uma diversidade de livros em boas condições, contudo, fica fechada no horário do recreio. Quanto à sala de vídeo, é um espaço amplo e climatizado, que possui diversos recursos, como TVs, DVD, data show. A sala de informática é pouco espaçosa, mas possui computadores em boas condições e um deles com internet. Porém, os alunos não têm aula de informática devido ao não funcionamento do ar condicionado. O refeitório e a cozinha são espaços bem higienizados, mas pequenos para abrigar toda a população da escola; oferece uma merenda de boa qualidade, havendo uma variedade de alimentos. No que se refere aos banheiros, são espaços limpos, apesar de alguns estarem sem portas. Também não há identificação nem divisão de sexo, ou seja, tanto os meninos quanto as meninas usam os mesmos banheiros.

No que se refere ao funcionamento da escola, verificou-se que ela oferece Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) nos turnos da manhã e tarde, assim como o projeto Mais Educação; e à noite, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. São oferecidas também aulas teóricas de Educação Física, não havendo aula prática, pelo fato do ginásio estar em construção e não ter outro espaço físico disponível.

A escola possui uma equipe composta por profissionais de diversas áreas específicas, sendo três psicólogas, uma assistente social, duas supervisoras, duas

coordenadoras pedagógicas e cerca de cinquenta e cinco professores (incluindo os readaptados).

No que diz respeito aos professores, pôde-se perceber que há uma pontualidade em relação à maioria deles, porém, alguns atrasam e não são assíduos. Percebe-se uma ausência de planejamento das aulas, onde a maior parte dos professores utiliza uma metodologia não motivante, que se restringe a cópias do quadro para o caderno. Foi observado, de uma forma geral, que os professores não conseguem impor condições nem estabelecer regras aos alunos, havendo um desrespeito entre eles. Algumas vezes utilizam termos impróprios e inadequados com os alunos, os quais também retribuem com expressões indecentes e vulgares. Poucas vezes os professores exigem atenção e silêncio, havendo assim, certa negligência em relação ao comportamento e ao desinteresse dos alunos.

A clientela da instituição é composta por alunos de classe social baixa, que residem em bairros adjacentes à instituição. São crianças que geralmente não possuem uma família bem estruturada e que refletem comportamentos agressivos, sendo na maioria das vezes, grosseiras, pouco delicadas. Utilizam diversas palavras obscenas com frequência e se dirigem aos demais com termos pejorativos ou de forma desagradável. Em uma minoria, percebe-se algum interesse em relação aos estudos, que cumpre as tarefas, realiza as atividades, demonstra esforço.

Diante das observações, identificaram-se algumas características que podem levar a possíveis comportamentos agressivos, de indisciplina e, conseqüentemente, de bullying. Primeiramente, os alunos provêm de uma população de baixa renda, onde o índice de criminalidade e de uso de drogas é bastante elevado, dessa forma eles convivem dia-a-dia com a violência, que passa a ser reproduzida nos demais contextos frequentados por eles. A família proporciona, através do seu ambiente físico e social, as condições necessárias ao desenvolvimento da criança, portanto, um aspecto importantíssimo, que deve ser considerado é o contexto familiar dessas crianças, que na maioria não é bem estruturado, constituídos por uma educação precária, relações conflituosas, ausência de limites.

Constatou-se que os relacionamentos entre professores e alunos se davam de forma desrespeitosa, os professores utilizam, muitas vezes, expressões pejorativas e desagradáveis. Nessa perspectiva, os alunos, que já não possuem um referencial bem estruturado na família, também não conseguem absorver aspectos positivos na escola, refletindo assim, os mesmos comportamentos de indisciplina e agressividade.

Reconhecendo a forte influência social, familiar e escolar, não se pode deixar de lado a importância do espaço físico, que contribuem para os processos de aprendizagem e socialização. O espaço escolar precisa oferecer um lugar acolhedor e prazeroso para as crianças. A escola apresenta algumas características que não proporcionam o bem-estar dos alunos, bem como a ausência de um pátio para recrear, a sujeira das salas de aula, as instalações mal feitas, a falta de portas no banheiro, entre muitas outras. Dessa forma, os alunos não têm prazer em frequentar tal ambiente, não havendo admiração nem respeito por toda a escola.

Conclusão

O projeto foi iniciado em março de 2011 e tem dois anos de duração. O seu objetivo está sendo alcançado gradativamente, pois a primeira etapa já foi conquistada que era conhecer e analisar a realidade física, dos profissionais que trabalham na instituição, alunos e das relações constituídas entre os atores com vistas a identificar condições promotoras de comportamentos violentos. O próximo passo é realizar um plano de intervenção, onde se contemple atividades lúdicas e artísticas que facilitem o entendimento dos assuntos ministrados nas aulas de forma mais prazerosa, divertida, agradável, especialmente em um contexto onde as crianças precisam de motivação, incentivo, estímulos.

É relevante a realização de palestras informativas sobre a violência escolar, principalmente no que se refere ao bullying, as formas de enfrentamento deste problema por parte dos profissionais da escola. Realização de dinâmicas com professores visando à sensibilização e a reflexão sobre suas condutas frente aos alunos. Também se tentará viabilizar alternativas de como realizar melhorias nos aspectos estruturais da escola.

Referências

- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra; **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997
- SACRISTÁN, José Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Angel I. **Compreender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Art Med, 1998



CRIANÇAS DE CANUDOS

Área temática: Educação

Responsável: Raquel Maria Rossi WOSIACK

Instituição: Universidade Feevale(FEEVALE)

Raquel M. R. Wosiack

Caroline Furtado

RESUMO

A Universidade Feevale vem fortalecendo, ao longo de quase quatro décadas, sua atuação no município de Novo Hamburgo (RS), desenvolvendo oportunidades diferenciadas de atendimento à população de sua região de abrangência, buscando identificar as necessidades e potencializar possibilidades de contribuição para o desenvolvimento regional e diminuição das desigualdades. Em 2000, a Feevale iniciou ações sócio-recreativa-educativas no Bairro Canudos e a experiência acumulada nestes anos, permite afirmar que existem inúmeras situações que afetam as crianças e adolescentes nestas localidades, colocando-as em iminente risco: maus tratos, violência, violência sexual, uso de drogas, desestrutura familiar. Frente a esta situação, o projeto tem como objetivo geral favorecer o exercício consciente da cidadania e a inclusão social, contribuindo para a permanência qualitativa na escola de crianças e adolescentes do Bairro de Canudos, Novo Hamburgo/RS. Em 2010 foram atendidas 343 crianças e adolescentes do bairro canudos, com um total de 1205 atendimentos, sendo que em cada turno foram realizados dois atendimentos nas atividades de Arteterapia, Psicologia, Pedagogia, Fonoaudiologia, Fotografia e Educação Física. A metodologia de trabalho aplicada foi embasada em uma abordagem interdisciplinar entre as áreas selecionadas tendo o desafio de potencializar mudanças no cenário atual a partir de uma dinâmica transversalizada, complexa, interdisciplinarizada, integrada nos espaços sociais dos beneficiados, construindo uma comunicação dialógica, organizando/coordenando ações não invasivas e potencializando um ambiente democrático no espaço comunitário. O maior resultado foi encontrado no aumento da criatividade dos participantes, contudo os dados nos evidenciam que as atividades proporcionaram melhora nos itens desempenho escolar, relações sócio afetivas e comunicação.

Palavras-chave: Projeto social. Melhoria da qualidade de vida. Vulnerabilidade.

Introdução

Em 2000, a Feevale iniciou ações sócio-recreativa-educativas no Bairro Canudos e a experiência acumulada nestes anos, permite afirmar que existem inúmeras situações que afetam as crianças e adolescentes nestas localidades, colocando-as em iminente risco: maus tratos, violência, violência sexual, uso de drogas, desestrutura familiar. A partir de junho de 2006, iniciou-se um processo de interlocução com a comunidade local e com a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, que oportunizou identificar demandas existentes no bairro. Entre as demandas, estava a necessidade de oportunizar diferentes atividades de cunho sócio-recreativo-educativo com o intuito de fomentar o exercício consciente da cidadania e a inclusão social, contribuindo para a permanência qualitativa na escola de crianças e adolescentes do bairro Canudos.

Nesta perspectiva, nos último triênio o projeto oportunizou atendimento para aproximadamente 1200 crianças nas áreas de Psicopedagogia, Arteterapia, Educação Física, Fonoaudiologia e Psicologia, O projeto atuou no bairro Canudos de forma orgânica tornando-se mediador de um processo de exercício da cidadania e inclusão social, neste sentido, buscou contribuir efetivamente à permanência qualitativa na escola desses sujeitos. Concomitante, as práticas extensionistas buscaram efetivar uma articulação entre os cursos de graduação e as comunidades envolvidas se consolidando enquanto um lócus de formação profissional e acadêmica.

Assim o objetivo geral do projeto é o de favorecer o exercício consciente da cidadania através da educação, contribuindo para a permanência qualitativa na escola de crianças e adolescentes do Bairro de Canudos, Novo Hamburgo/RS.

Metodologia

O projeto Crianças de Canudos propõe uma articulação interdisciplinar entre as áreas de Educação Física, Nutrição, Fotografia, Fonoaudiologia, Psicologia e Arteterapia, estimulando caminhos diligentes de socialização, buscando neste sentido, promover na prática uma comunicação dialógica, contribuindo/organizando/coordenando ações não invasivas, a partir de uma noção metodológica humanista, ética, crítica e estética. A metodologia deste trabalho está integrada nos espaços sociais dos beneficiados. As atividades ocorrem em três espaços, aqui denominados Núcleos 1, 2 e 3. NÚCLEO 1 Ministério Batista Cristo é a Vida de Canudos - Juniores e Adolescentes - JUAD: Rua Ícaro, 2040/2041

Canudos; NÚCLEO 2: Escola Estadual de Ensino Fundamental João Ribeiro: Rua Florença, 103 Canudos; NÚCLEO 3: Anexo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tancredo Neves: Rua Bruno Werno Storck, 162 Canudos. As atividades desenvolvidas são divididas em três momentos: a) conversa sobre a proposta da atividade do dia, promovendo assim uma consciência geral dos objetivos a serem atingidos; b) exploração/execução das atividades; c) verbalização do processo; momento em que com o auxílio do extensionista vão expressando o que sentiram/aprenderam/descobriram com a atividade proposta. Os participantes do projeto são alunos das escolas parceiras do projeto, indicados pelos professores, tendo prioridade: crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, com carência socioeconômica, que sofreram e ou sofrem abusos. A frequência das atividades só pode ser realizada no turno contrário ao do escolar e com a autorização expressa dos pais e ou responsável. A indicação das áreas é realizada pela equipe do projeto, dos parceiros e/ou das escolas envolvidas. Todas as ações do projeto estão integradas a partir do eixo comum (objetivo geral) que sustenta as atividades, para tanto a comunicação é uma prioridade dentro das atividades, tanto entre os extensionistas como com os orientadores, promovendo desta forma um projeto multi-inter-disciplinar.

Resultados e discussões

Relatamos os resultados obtidos em 2010. Neste ano foram atendidas 343 crianças e adolescentes do bairro Canudos, com um total de 1205 atendimentos, sendo que em cada dia foram realizados dois atendimentos nas atividades de Arteterapia, Psicologia, Pedagogia, Fonoaudiologia, Fotografia e Educação Física, chegando a um total de 4913 presenças no ano.

A partir de um amplo processo de leitura das atividades do projeto nos anos anteriores, dos seus objetivos (geral e específico) e dos resultados esperados, estamos cientes de que eles apenas podem indicar, não sendo a própria realidade, pois se baseiam na “ identificação de uma *variável*, ou seja, de algum aspecto que varia de estado ou situação, variação esta que consideramos capaz de expressar um fenômeno que nos interessa” (VALARELLI,1999, s.p).

Sessenta e um por cento (61%) são do sexo masculino e trinta e nove (39%) do sexo feminino, todos os participantes estavam estudando em escolas públicas (municipais e estaduais) no ensino fundamental e médio. Vinte e sete por cento (27%) do total dos beneficiados estavam matriculados na 5ª série do ensino

fundamental, sendo que a maior quantidade de beneficiados se encontrava entre a 2° e a 5° série do ensino fundamental com idade de nove anos. Em relação aos indicadores, o maior resultado foi encontrado no aumento da criatividade dos participantes, contudo os dados nos evidenciam que as atividades proporcionaram melhora nos itens desempenho escolar, relações sócio afetivas e comunicação.

Durante o desenvolvimento do projeto foram inúmeros momentos que colhemos relatos tanto dos participantes como dos nossos parceiros e apresentar tais resultados numa perspectiva qualitativa torna-se um momento de difícil escolha. Isto porque durante o ano realizamos reuniões com os pais dos participantes, cinquenta visitas domiciliares e doze reuniões com os parceiros. Durante as reuniões colhemos depoimentos de pais, que relataram melhoras significativas em seus filhos. Segue uma pequena relação de depoimentos de pais, separado por escola. Na Escola Anita Garibaldi, a mãe do aluno Daniel diz que ele trocou de turno para poder participar do projeto, adora, a mãe diz que o filho melhorou muito, está mais participativo. A mãe da aluna Ângela informa que a menina perdeu o pai há pouco tempo, está muito deprimida, mas a mãe diz que com o projeto e com a interação com as outras crianças ela está melhorando. Na escola Castelo Branco a mãe do Felipe coloca que ele adora as atividades e não está mais faltando às aulas. O pai da Dienefer notou melhoras na filha e está apostando muito no projeto. Na escola Deodoro da Fonseca, a mãe do Klissman diz que ele adora e fica bravo quando chove e não pode ir. Na escola Eng. Inácio Cristiano Plangg, quatro alunas comentaram que estão gostando, que o curso está muito legal, que estão aprendendo muito, que não imaginavam que seria tão amplo, que estão muito contentes pela oportunidade. Uma mãe falou que está muito feliz pela oportunidade que esta sendo dada à sua filha.

Em visita domiciliar a casa dos alunos Maike Ezequiel Dias Soares (Tancredo Neves) e Willian Maurício de Souza (Salgado Filho) a extensionista registrou depoimentos de melhora das crianças: *“Sua mãe (Maike) estava esperando a visita, ela disse que o filho melhorou com a sua participação no projeto. Ele está frequentando a atividade com bastante assiduidade, ele melhorou sua criatividade especialmente para desenhar”*; *“A mãe do William também estava nos esperando, recebeu-nos com um abraço, dizendo que era bom para o filho frequentar a atividade de Arteterapia, ficou contente com nossa visita. A mãe disse que seu filho*

só tinha passado no ano passado, porque frequentava o projeto, que ele precisava voltar.” (Diana Celina Puffal, extensionista bolsista da Arteterapia).

Conclusão

Buscando contribuir para o efetivo desenvolvimento humano digno, permanência na escola e convivência sadia na sociedade, a Feevale, através do projeto Crianças de Canudos ao longo de dez anos investe em ações sociais que possibilitem a superação da exclusão social de crianças e de adolescentes contribuindo e articulando-se com as políticas públicas sociais e educacionais na região do Vale dos Sinos.

O Projeto Crianças de Canudos está em consonância com as políticas públicas e vem gradualmente investindo e concretizando parcerias com instituições públicas como a Secretaria Municipal de Educação e Desporto, Conselho Tutelar, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Secretaria Municipal da Saúde.

O Projeto Criança de Canudos iniciou e consolidou a construção coletiva não de um novo projeto, mas de um projeto que se renova sempre através de fomentos humanos, estruturais e ideológicos. Essa renovação traz a certeza de que as ações do projeto ocorrem num espaço ético de construção coletiva, onde novas práticas sociais e profissionais são possíveis através de diferentes estratégias de socialização dos conhecimentos, aproximando as comunidades externa e a acadêmica. A partir de um sentido de pertencimento como expressão de coesão e solidariedade social, os resultados projetados em sua maioria foram alcançados.

Referências

CHIANCA, T. **Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações da sociedade civil**. São Paulo: Global, 2001.

VALARELLI, Leandro Lamas. **Indicadores de resultados de projetos sociais**. Tema do mês de julho de 1999. Disponível em <http://www.riits.org.br/gestao_teste/ge_testes/ge_tmes_jul99.cfm> Acesso em 02 dez. 2008.





50

Congresso
Brasileiro de
Extensão
Universitária

As Fronteiras da Extensão

ESTUDANTES INDÍGENAS DA UEMS EM AÇÃO EXTENSIONISTA: O CASO DA ALDEIA PANAMBIZINHO, DOURADOS/MS

Área temática: Educação

Responsável pelo trabalho: Beatriz dos Santos LANDA

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Beatriz dos Santos LANDA

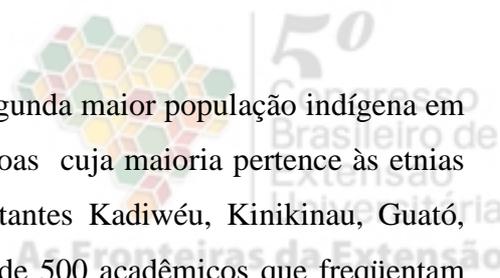
Resumo

O estado de Mato Grosso do Sul apresenta a segunda maior população indígena em território nacional, com aproximadamente 65 mil pessoas, e maioria pertence às etnias Guarani, Kaiowá e Terena. Ao mesmo tempo, o estado abriga em torno de 500 acadêmicos que freqüentam instituições públicas e privadas. Um dos desafios colocado para as universidades e para estes alunos é como articular este conhecimento adquirido sob a ótica hegemônica da ciência ocidental com os conhecimentos existentes e partilhados nas diferentes áreas indígenas. Esta experiência realizada na aldeia Panambizinho, localizada no município de Dourados insere-se nas ações executadas pelo Programa Rede de Saberes que apóia a permanência de estudantes indígenas na UEMS. O objetivo desta ação foi aproximar os alunos das comunidades indígenas como uma das alternativas para articular os saberes obtidos na universidade com os saberes partilhados pela comunidade, buscando uma atitude intercultural, como forma de valorizar os diferentes conhecimentos existentes nesta interrelação de pessoas de diferentes faixas etárias e vivências. Na oportunidade, alunos indígenas de diferentes áreas do conhecimento prepararam atividades relacionadas a sua área de formação para compartilhar com os membros desta área indígena, e que abrangeu a faixa etária ampla, pois participaram desde crianças até idosos. Assim foram feitas atividades como contação de histórias, oficina sobre DSTs, mostra de maquetes sobre meio ambiente, atendimento jurídico, palestra sobre etnoastronomia. O resultado desta ação foi considerada positiva pelos representantes da comunidade como pelos alunos que puderam demonstrar o conhecimento proveniente da universidade e sensibilizar-se para articulação dos dois saberes.

Palavras –chave: Interculturalidade, troca de saberes, indígenas no ensino superior, Programa Rede de Saberes

Introdução

O estado de Mato Grosso do Sul apresenta a segunda maior população indígena em território nacional, com aproximadamente 65 mil pessoas cuja maioria pertence às etnias Guarani, Kaiowá e Terena, mas conta com representantes Kadiwéu, Kinikinau, Guató, Kamba. Ao mesmo tempo, o estado abriga em torno de 500 acadêmicos que freqüentam



instituições públicas e privadas. A Universidade estadual de Mato Grosso do Sul conta com 282 indígenas matriculados em cursos de licenciatura, bacharelado e tecnológicos, o que proporciona uma dimensão diferenciada no segmento discente, pois após a implantação do sistema de cotas em 2003, a instituição passou a ter um quadro étnico-racial bastante diferenciado, com ampliação da presença de negros e índios em seu quadro (CORDEIRO, 2009).

Este número expressivo de estudantes indígenas no ensino superior do Estado, significará futuramente uma transformação bastante profunda nas relações pessoais e institucionais existentes nas aldeias e com o entorno regional principalmente no que se refere às prefeituras e suas secretarias. A totalidade dos graduados em licenciatura pela UEMS já está atuando em salas de aulas localizadas nas aldeias e os que concluíram os bacharelados, a grande maioria já está atuando na área. No entanto, uma das questões que está sendo discutida é como articular os conhecimentos que estão adquirindo na universidade sob uma perspectiva hegemônica da ciência ocidental e os conhecimentos existentes nas áreas de onde são provenientes e que são partilhados por esta população? Como ministrar os conteúdos por meio das metodologias aprendidas sem valorizar demasiadamente estes em detrimento daqueles que cada educando traz de sua família? Como respeitar e valorizar os conhecimentos das comunidades e ao mesmo tempo transmitir os novos conhecimentos aprendidos nas universidades? Como realizar o diálogo de saberes sob a perspectiva intercultural (BRAND, 2006; Programa...2007, URQUIZA et. al. 2008).

A presente proposta, que se insere no objetivo mais abrangente do Programa Rede de Saberes que visa apoiar os indígenas em sua trajetória acadêmica, e do qual fazem parte além da UEMS, a UCDB, a UFGD e a UFMS, visa se constituir em um momento privilegiado da formação dos acadêmicos indígenas, pois os alunos de diversos cursos atuaram a partir de sua área de conhecimento na escola Paí Chiquito, localizada na aldeia Panambizinho, pertencente ao município de Dourados, na perspectiva de uma interrelação entre os saberes da comunidade e os saberes da universidade. Buscou criar laços entre os saberes indígenas e os saberes locais com formação de um conhecimento socialmente referenciado pela realidade por parte dos alunos. A justificativa para a execução desta ação é demonstrar efetivamente no que os alunos podem contribuir nas suas áreas de origem com os novos conhecimentos, pois as comunidades indígenas tem frequentemente verbalizado que os alunos nas universidades e os egressos em pouco tem colaborado para a solução dos problemas atualmente vivenciados. Esta é uma maneira destes alunos

aproximarem-se das suas lideranças e comunidades e demonstrar o conhecimento que estão acumulando na universidade. Também visa, sensibilizar estes alunos para o enfrentamento dos problemas de suas comunidades, que são bastante complexos de solução.

O objetivo desta ação foi aproximar os alunos das comunidades indígenas como uma das alternativas para articular os saberes obtidos na universidade com os saberes partilhados pela comunidade, buscando uma atitude intercultural, como forma de valorizar os diferentes conhecimentos existentes nesta interrelação de pessoas de diferentes faixas etárias e vivências.

Material e Metodologia

Para a realização desta ação, inicialmente tiveram que ser contatadas a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) para autorizar o acesso a aldeia, a liderança do local e a direção da escola. Para preparar as atividades que seriam apresentadas, os alunos planejaram atividades relacionadas aos seus cursos e considerando a faixa etária que seria atendida. Todas as atividades foram elaboradas para atingir determinados objetivos e para faixas etárias diferenciadas, pois a liderança e a direção da escola fizeram o convite por meio das crianças da escola Paí Chiquito, o que atingiu praticamente toda a aldeia. Participaram alunos dos cursos de Enfermagem, Ciências Biológicas, Direito, Física, Letras, Pedagogia e Turismo. Também participaram dois egressos do curso de Direito da UEMS que ajudaram na articulação com as lideranças e direção da escola, o que demonstra a continuidade da vinculação destes com a universidade e com a comunidade indígena. Foram preparadas palestras, jogos, brincadeiras e apresentações que atenderam a todos que participaram.

Resultados e Discussão

No dia da ação, a escola disponibilizou salas para cada uma das atividades, e houve a abertura do evento com a participação da liderança local, da direção da escola e da pró-reitora de extensão da UEMS. Os membros da comunidade escolhiam as atividades do seu interesse sendo que as crianças e mulheres participaram em maior número. Entre as atividades para as crianças contou e ensino para fazer massa de modelar colorida e após utilizaram este mesmo material em uma atividade que resultou na elaboração de animais variados, casas, e outras figuras. Também fizeram desenhos a partir de histórias contadas

pelas alunas da Pedagogia e da Letras e também desenhos livres que foram expostos no local.

A área da saúde foi representada por alunos de enfermagem que prepararam palestras de prevenção sobre DSTs/AIDs, diabetes e pressão alta que atualmente tem acometido em grande número os indígenas. Houve um grupo de jovens e de mulheres que participaram ativamente destas atividades.

Uma das apresentações que teve participação e no qual os alunos demonstraram bastante interesse foi a utilização do gnomon instalado por um projeto da universidade e que é um observatório astronômico indígena, no qual os alunos tiveram informações do seu uso no passado e que serve também para o presente, pois por meio dele é possível determinar as estações do ano, os meses, o nascimento do sol, entre outras informações que ajudaram os povos do passado recente e remoto a praticar a agricultura com acerto das épocas de plantio, cuidado e colheita que permitiram a sobrevivência não só dos grupos aqui existentes mas também dos europeus que aqui aportaram a partir do século XVI. Estes conhecimentos estão presentes até hoje na comunidade em tela, mas atualmente em desuso, e a pesquisa do qual dois estudantes indígenas de licenciatura em Física fazem parte, com certeza contribuirá para a revitalização deste conhecimento, que é tão verdadeiro quanto o da ciência ocidental (GAUTHIER, 2001 e s/data.)

Houve um momento em que todos –crianças, adolescentes, idosos e acadêmicos- se reuniram e dançaram o *guachiré* que é uma dança que inclui também o canto indígena Guarani com marcação forte e com muita movimentação, que deixou a todos ainda mais animados com as atividades. Neste momento e outros presenciados, é que se pode vivenciar um pouco do que seria uma relação realmente intercultural, pois naqueles minutos todos sentiram-se parte de uma mesma realidade, e cada um com uma história diferente vivenciada.

Conclusão

Esta foi a primeira experiência em que participaram somente acadêmicos indígenas da UEMS em atividade extensionista realizada em uma aldeia, e esta deverá ser continuada pois é uma maneira dos alunos validarem os conhecimentos recebidos nas universidades à luz dos conhecimentos existentes nas comunidades, numa relação intercultural, pois a formação em nível superior destes jovens deve contribuir para superar as dificuldades enfrentadas contemporaneamente pelos povos indígenas, na busca por

autonomia em todas as suas vertentes, sustentabilidade ambiental e econômica e respeito dos não-índios aos seus costumes e tradições.

Referências

BRAND, Antônio. *Indígenas no ensino superior: experiências e desafios*. Texto apresentado no 15º COLE. Digitado, 2006

CORDEIRO, Maria Jesus A. *Negros e indígenas da UEMS: desempenho acadêmico do ingresso à conclusão de curso*. São Paulo, PUCSP, 2009. Tese de doutorado

NASCIMENTO, Adir Casaro; URQUIZA, Hilário A. *Educação superior indígena: a prática da interculturalidade em vista do fortalecimento da autonomia regional*. Texto digitado, 2008

GAUTHIER, Jacques. Personagens conceituais, sociopoética e descolonização do saber. Revista eletrônica *Entrelugares* V.2 N. 2, março/2010. Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br>>. Acesso em: 07/fevereiro 2010.

GAUTHIER, Jacques. *Ancestralidade indígena e epistemologia e epistemologia budista da vacuidade*. Digitado.

Programa Rede de Saberes: Permanência de Indígenas no Ensino Superior. UEMS/UCDB/UFMG/UFMS. Projeto de 2007. Digitado.

URQUIZA, Hilário A et al. *Rede de Saberes: uma experiência de Interculturalidade na Universidade*. Texto digitado. 2008

Agradecimentos: FUNDECT, Fundação Ford.



INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Área de Educação

Autora: Nara Grivot Cabral¹

Universidade Feevale

RESUMO

As transformações da sociedade atual têm colocado para as universidades exigências cada vez maiores, fazendo-as repensar os seus processos de ensino, pesquisa e extensão. Este estudo tem o objetivo de apresentar algumas reflexões em extensão universitária a partir da experiência de incubação de EES, desenvolvida pela Incubadora de Economia Solidária da Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS/Brasil. O trabalho desenvolvido pela equipe de professores e estudantes é realizado em grupo, de forma sistemática, na comunidade de origem, considerando os saberes endógenos. A perspectiva do encontro dos saberes tem possibilitado que as experiências de geração de trabalho e renda em economia solidária sejam cada vez mais apropriadas pelos trabalhadores, numa relação dialógica entre universidade e sociedade. As experiências de incubação, nas suas mais diversas dimensões, têm buscado um horizonte mais amplo de possibilidades que possam vir a contribuir para a construção de uma vida mais digna e uma sociedade mais justa e democrática.

Palavras-chave: Extensão universitária. Incubadora de economia solidária. Experiências de saberes diversos.

INTRODUÇÃO

As universidades brasileiras têm passado por sucessivos desafios nestas últimas décadas decorrentes das exigências de uma sociedade em transformação. Vivemos uma grande mobilidade nas formas de poder, uma rápida destruição e reconstrução de habilidades profissionais, com modos de produção mais flexíveis no trabalho e novos

¹ Psicóloga, professora da Universidade Feevale e integrante da equipe da Incubadora de Economia Solidária da Feevale/Novo Hamburgo/RS, doutoranda em Educação pela UFRGS, bolsista Capes (Proc. nº 5399/10-6) em estágio de doutoramento sanduiche no Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra/Portugal.

hábitos de consumo (HARVEY, 1992). São mudanças em um mundo globalizado, que não se limitam a esfera econômica do capital ao se estenderem profundamente às diversas dimensões da vida (CATTANI, 1997; WOOD, 2003), modificando os nossos modos de pensar, agir, sentir e ser.

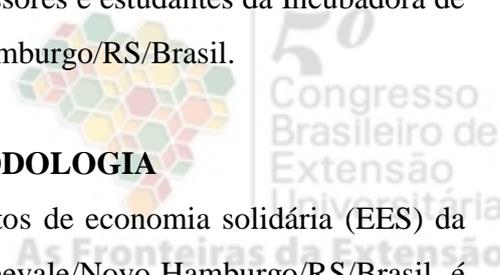
Neste processo de transformações encontramos contradições profundas, como os crescentes índices de desigualdade social convivendo simultaneamente com a alta concentração de renda e o monopólio do capital que se globaliza de forma violenta e excludente, sem precedentes na história do capitalismo. Porém, se o fenômeno da desigualdade social tem permitido o acesso de alguns ao emprego privilegiado e ao ensino com qualidade, ele também tem acirrado as tensões sociais e provocado o recrudescimento dos movimentos sociais. Portanto, ao mesmo tempo em que vivemos o aumento exacerbado do individualismo, a erosão dos laços sociais, a aplicação de tecnologias alienantes, a mercantilização da vida e o desemprego estrutural de longa duração (CATTANI, 1997; BAUMAN, 2003), há um significativo fortalecimento na luta e nas reivindicações por questões de raça, gênero, meio ambiente, trabalho e renda, entre outros. São movimentos sociais e populares que se revigoram, principalmente nestas últimas décadas, pressionando as instituições sociais, entre elas as universidades.

A universidade, entendida como instituição de produção e sistematização do conhecimento, encontra-se cada vez mais implicada nestas questões, saindo do isolamento histórico e buscando aproximar-se das demandas e necessidades da sociedade atual. Uma situação que tem pressionado à universidade a rever os seus processos de ensino, pesquisa e extensão. Neste estudo, meu interesse versa sobre o tema da extensão universitária, como atividade fim da universidade em diálogo com as demandas de segmentos específicos da sociedade.

A partir deste contexto, o objetivo deste estudo é apresentar algumas reflexões em extensão universitária a partir da experiência de incubação de empreendimentos em economia solidária, desenvolvida pela equipe de professores e estudantes da Incubadora de Economia Solidária da Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS/Brasil.

MATERIAL E METODOLOGIA

A experiência de incubação de empreendimentos de economia solidária (EES) da Incubadora de Economia Solidária da Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS/Brasil, é



um projeto de extensão universitária vinculado a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, parcialmente financiado pelo Programa Nacional de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (PRONINC), da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), do Ministério do Trabalho e Emprego. Incubação de EES passa a ser entendida neste estudo como valorização e ampliação das experiências que nascem das iniciativas de auto-organização e autogestão dos trabalhadores, fortalecem o vínculo associativo e a capacidade coletiva para o trabalho e defendem os direitos básicos dos trabalhadores (LAVILLE, GAIGER, 2009). A equipe da Incubadora está constituída por cinco professores doutores e nove bolsistas de extensão, oriundos de diversas áreas de conhecimentos.

No processo de incubação dos EES não há cobrança de taxas, a incubação é realizada na própria comunidade de origem e considerando os saberes endógenos, os encontros em grupo são realizados pelos bolsistas de extensão, de forma sistemática (frequência semanal), seguindo um plano de trabalho elaborado conjuntamente com o professor-supervisor, partindo-se de uma visão interdisciplinar na compreensão dos problemas demandados, com foco no trabalho de geração de renda, nos vínculos associativos e nos processos de autogestão dos trabalhadores.

O nosso público tem se caracterizado por desempregados, trabalhadores autônomos ou trabalhadores de baixa renda, organizados em iniciativas informais ou formais (associações e cooperativas), que trabalham em pequenos grupos, com grande dificuldade para se manterem ativos e com frágil participação nos fóruns de economia solidária, onde a grande maioria não consegue ter na economia solidária a sua principal fonte de renda. Os grupos que atualmente participam da Incubadora são oriundos principalmente do município de Novo Hamburgo, mas também de localidades próximas, como Nova Hartz e Campo Bom.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As dificuldades apresentadas pelos grupos incubados, não muito diferente das reivindicações e da luta do movimento de economia solidária no país, tem se relacionado a aspectos amplos, que envolvem desde a formação e capacitação das pessoas, o acesso a linhas de micro-crédito popular e as melhorias nas precárias e insuficientes condições de infra-estrutura e de tecnologia, até a elaboração de um marco legal adequado as suas

necessidades e a construção de uma cadeia de produção, comercialização e consumo solidários. Frente a estes profundos e complexos desafios, nossos melhores resultados estão relacionados à dinâmica de atuação da Incubadora que está centrada em eixos de atuação, que são: a incubação dos EES, as assessorias em economia solidária e as articulações com os fóruns de discussão, os gestores públicos e a rede de ITCP, sendo transversais a cada um deles as dimensões de formação, de aprofundamento teórico-metodológico e de gestão, interrelacionadas entre si, conforme mostra a figura abaixo:

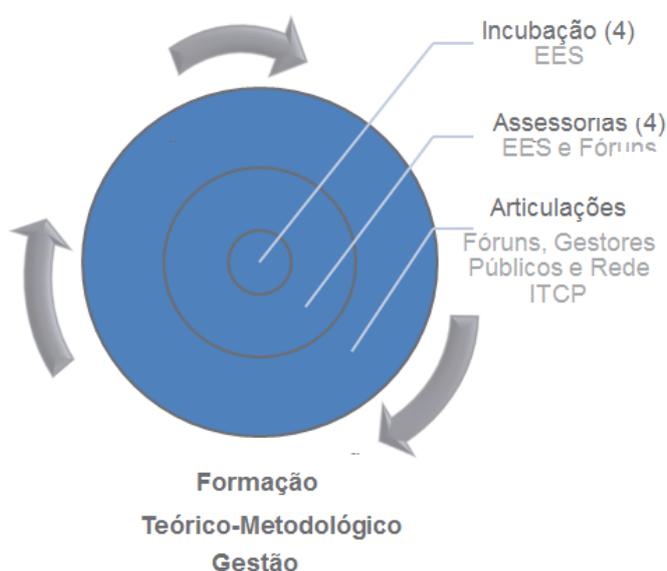


Fig. 1 – A Incubadora e suas múltiplas dimensões

Com esta dinâmica, o trabalho extensionista realizado pela Incubadora vem potencializando o encontro de saberes diversos entre a universidade e os grupos de trabalhadores em economia solidária, em uma perspectiva dialógica de saberes, que recoloca o lugar da técnica não como algo que aparece por casualidade, neutra e acrítica, mas, sobretudo, com um lugar que se encontra impregnado de sentidos e de intencionalidades, por estar condicionado histórico-socialmente, tal qual a ciência, de quem a técnica é uma aplicação prática (SANTOS, 2007; FREIRE, 1977). Ou seja, a extensão universitária como uma via de mão-dupla, numa relação transformadora entre universidade e sociedade, sendo instrumentalizadora da *práxis* na produção de um conhecimento contextualizado com as demandas sociais e políticas de segmentos específicos da sociedade, articulada ao ensino e a pesquisa (FORPROEX, 2001). Para nós

os resultados das experiências da Incubadora têm significado uma atitude de aprender com os trabalhadores em economia solidária, de entender os trabalhadores em economia solidária, para ampliar as possibilidades de trabalho em economia solidária.

CONCLUSÃO

As experiências de incubação, com o apoio e a valorização das alternativas de geração de trabalho e renda em uma outra visão de economia, mais plural e calcada nos princípios da reciprocidade, têm buscado cotidianamente minimizar as impossibilidades de muitos trabalhadores viverem segundo as “oportunidades” oferecidas pelo mercado capitalista e sua lógica individualista e excludente. Este tem sido um trabalho permanentemente voltado para a prática e a aprendizagem, que busca, sobretudo, um horizonte mais amplo de possibilidades que possam vir a contribuir para a construção de uma vida mais digna e uma sociedade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CATTANI, Antonio David (Org.). **Trabalho e tecnologia: dicionário crítico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- FORPROEX. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano nacional de extensão universitária**. Ilhéus: Editus, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, SP: Loyola, 1992.
- LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio. Economia solidária. In: HESPANHA, Pedro et al. (Coord.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra, Portugal: Almedina, 2009. p. 162-168.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas**, Coimbra, n. 78, p. 3-46, out. 2007.
- WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2003.



MEMÓRIAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO: (RE) LEMBRANDO O CONEXÕES DE SABERES DA UFRJ

Área Temática: Educação

Responsável pelo trabalho: Ana Paula de Souza SILVA

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

1) Ana Paula de Souza SILVA 2) Monique Pereira da SILVA

3) Patricia Elaine Pereira dos SANTOS

Resumo

O Projeto Conexões de Saberes, financiado pelo MEC/Secad ao se encerrar, dá espaço ao Pet/Conexões com uma nova configuração que permite manter o debate sobre acesso e permanência de estudantes de origem popular na universidade. Para que não se perca a história deste projeto de extensão, tornou-se necessário resgatar a memória, que tem por objetivo apontar os caminhos que o Projeto utilizou para obter dados e informações que permitisse e estimulasse o processo de troca de saberes. Este texto se propõe a construir um elo entre as histórias e experiências, permitindo que se trouxessem momentos ocorridos e de sua construção cronológica para estar criando a memória coletiva. A metodologia que iremos desenvolver nesse texto se dá a partir de levantamento do acervo desde 2005, falamos do processo de organização do Memória que permeou a trajetória do PCS na universidade. À medida que mapeamos esse levantamento, foi sendo reforçada a importância do projeto para os estudantes que participaram com ampla formação política e acadêmica. Além do mais, importa salientar a importância do Conexões de Saberes para o debate sobre democratização do ensino superior nas universidades públicas federais.

Palavras-Chave: Projeto de extensão, Memórias, Formação acadêmica.



Introdução

A partir de nossas memórias, lembranças, fotos e escritas podemos refletir sobre nosso papel na universidade e na sociedade. É importante ressaltar que as Memórias fortaleceram a dimensão de coletivo, e faz pensar no que o Projeto Conexões de Saberes (PCS) representou para cada bolsista que por ele passou. Não apenas no investimento de uma educação que caminha no processo de construção e valorização do conhecimento, o PCS aproximou discentes e docentes tendo em vista que valorizassem a diversidade. Ao perceber a importância desse projeto na trajetória acadêmica de estudantes universitários de origem popular não poderíamos deixar de organizar um trabalho que se encerra na configuração proposta desde 2005, mas que ao relembrar o Projeto faz um elo com as histórias e experiências, permitindo que se reúnam fatos ocorridos e a construção cronológica, com intuito de criar a memória coletiva.

O Projeto Conexões de Saberes está vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ e voltado para questões sobre acesso e permanência de qualidade para alunos oriundos de espaços populares. Desde 2005, o Projeto conta com professores e bolsistas de diferentes cursos. Ao longo desses anos foram desenvolvidos pesquisas, fórum de estudantes, cursos de formações, oficinas planejadas e realizadas por bolsistas, formação para a comunidade acadêmica, filme e etc. Ainda pode contribuir para a ampliação das possibilidades de diálogos entre organizações e instituições de ensino superior e setores populares estimulando assim o processo de troca de saberes e fazeres entre esses dois territórios socioculturais.

O PCS também pode elaborar estratégias como palestras, cursos, encontros com a comunidade acadêmica na busca de ampliar o debate sobre democratização da universidade pública. O presente trabalho visa apresentar e identificar a partir de uma vivência a importância do Conexões de Saberes na formação, através da descrição dos caminhos que o Projeto memórias percorreu para que fosse possível encontrar tais resultados.

Memórias para (re) lembrar o projeto...

Assim que soubermos que o Projeto Conexões de Saberes estava encerrando na



configuração proposta desde 2005, pensamos em uma estratégia de trabalho que pudesse impedir que o projeto fosse apenas um espaço que cairia em esquecimento e decidimos construir o Projeto Memórias, composto por três bolsistas oriundas do Conexões de Saberes e duas coordenadoras que também fizeram parte da trajetória do referido projeto. O caminho percorrido até chegar aos conteúdos sobre as memórias é o resultado de um incansante trabalho de separação de documentos.

Para Nora (1993):

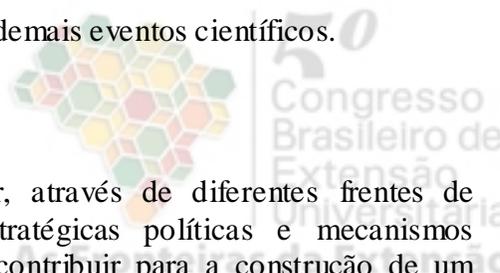
“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas... (p.6)

Como ponto de partida, resolvemos fazer um levantamento para que soubéssemos o que tinha de documentos pertencentes ao projeto, e ao realizar esse levantamento houve o cuidado de separar todos os documentos que pertenciam a cada momento. O PCS, no auge de sua configuração, foi dividido em tarefas e eixos norteadores: Escola Pública, Espaços Populares e Questões da Universidade.

No eixo escola pública eram desenvolvidos pelos bolsistas seminários, subprojetos e oficinas que foram aplicadas a estudantes da rede pública de ensino em parceria com o Programa Escola Aberta, vinculado ao MEC/SECAD. No eixo espaços populares existia parceria com o pré vestibular do Caju, o que contribuía para que o projeto mantivesse a relação com outros saberes, e também um debate intenso sobre formas de acesso na universidade e no eixo Universidade tinha o cuidado de discutir ações afirmativas e políticas educacionais, além de formas de garantir uma permanência de qualidade na universidade pública. Os alunos inseridos nesse projeto participavam ainda de eventos acadêmicos como: Jornada de iniciação científica, congressos de extensão e demais eventos científicos.

De acordo com Gabriel e Moehlecke (2007):

“Trata-se de buscar, através de diferentes frentes de atuação do programa, estratégias políticas e mecanismos institucionais que possam contribuir para a construção de um outro (e novo) olhar da e sobre a universidade, favorecendo,



assim, a redefinição do papel político, social, cultural e epistemológico dessa instituição na sociedade contemporânea, na qual extensão, pesquisa e ensino sejam vistos e vivenciados, de forma indissociável, como espaços de produção de conhecimento legitimados.” (p.5)

Tendo em vista os limites temporais, o (re) encontro com o material foi selecionado diante de um levantamento de tudo o que foi possível identificar como pertencente u ao Projeto Conexões de Saberes,. Nesse sentido, os estudos de Santos (2003) contribui para pensar que:

“A perda da memória aparece como sendo uma das grandes ameaças do mundo moderno. O tempo se desvincula de experiência de vida, tornando-se autônomo, regulado, impessoal e passa a exercer controle sobre os passos de cada um.” (p.19)

À medida que foi sendo realizado esse levantamento, percebemos a importância do projeto para os bolsistas, pois nele tiveram uma ampla formação política e acadêmica, os estudantes aprenderam a articular ações de pertencimento e autonomia, e tiveram suporte para estar inseridos no tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão.

“A memória, que é transmitida por textos, embora de a impressão de preservar o passado em sua totalidade, reproduz apenas parte do que foi vivenciado anteriormente”. (Santos, 2003, p.19)

Considerações finais

Foi possível observar que o Projeto Memórias como uma ferramenta metodológica, proporciona a retomada de experiências vivenciadas no Projeto Conexões de Saberes, em uma trajetória de formação acadêmica e abertura do debate sobre estudantes universitários de origem popular na universidade pública. Nesse sentido, o levantamento não foi somente um resgate da memória do projeto, mas também faz parte da publicização de um livro interativo que conta um pouco da história de um processo de democratização nas instituições federais de

ensino superior, além do mais se torna um legado de experiências para outras práticas de projetos de extensão na UFRJ, e em outras universidades públicas.

Referências

GABRIEL, C. T. & MOEHLECKE, S. Conexões de Saberes: uma outra visão sobre o ensino superior. **Revista Contemporânea de Educação**, no 2, Dez. 2006. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/revista/indice/numero2/artigos/smoehlecke.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2007.

SANTOS, M. S. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo 1ª edição. Ano 2003. Ed. Annablume

KHOURY, Yara Ann. Entre memória e história. **Projeto História**: São Paulo , nº10, Dez.1993. p. 7 a 28



OLHANDO PARA O QUE PASSOU, PENSANDO NO QUE SE FEZ: O QUE O PROJETO CONSTRUINDO SABERES QUER VIR A SER

Área temática: Educação

Responsável pelo trabalho: Luana Bonfante de Quadros

Instituição: Universidade Feevale

Nome dos Autores: Jaqueline Fernanda Pires; Jenifer Vieira; Luana Bonfante de Quadros

RESUMO:

O Projeto de Extensão Construindo Saberes caracteriza-se por desenvolver uma ação social, atendendo crianças de 5 a 13 anos, em situação de vulnerabilidade, no contra turno escolar. Pensando nas necessidades para a existência e na continuação do Projeto Construindo Saberes, cujas ações são desenvolvidas no bairro Santo Afonso, área periférica da cidade de Novo Hamburgo, realizamos uma pesquisa denominada “Marco Zero”. Essa pesquisa foi realizada com o intuito de obtermos uma maior participação da comunidade bem como para avaliar o motivo do projeto estar inserido nesse local. O instrumento utilizado para tanto foi um questionário com todos os familiares das crianças participantes, questionando sobre o porquê de elas frequentarem o projeto. A partir das respostas devolvidas, pudemos perceber a grande preocupação dos pais em relação a com quem deixar seus filhos quando não estão na escola. Concluímos que 24% das respostas indicavam que o motivo da participação no projeto é a aprendizagem e 76% sugerem o projeto como possibilidade de seus filhos não ficarem na rua. Constatamos a importância do projeto e a diferença que faz na vida dessas pessoas, buscando sempre contemplar suas reais necessidades.

Palavras chaves: Extensão, Marco Zero, crianças.

Introdução

Considerando a situação sócio-econômica e as dificuldades de aprendizagem das crianças que compõem o núcleo infantil-juvenil da comunidade do bairro Santo Afonso, agravada pela ausência de infraestrutura, pelos problemas econômicos gerados pelo abandono social e pelo baixo nível de escolarização dos habitantes, este projeto pretende interferir nessa realidade, contribuindo para a melhoria do desempenho escolar dos sujeitos beneficiados.

O Projeto Construindo Saberes desenvolve uma ação social, atendendo crianças de

5 a 13 anos, em situação de vulnerabilidade, moradoras de um bairro periférico da cidade de Novo Hamburgo, no contra turno escolar.

O projeto tem como objetivo geral desenvolver propostas lúdicas que resgatem o desejo de aprender e a busca das potencialidades de aprendizagem dos participantes envolvidos, com vistas a qualificar o rendimento escolar.

As atividades de educação não formal precisam ser vivenciadas com prazer em um local agradável, que permita movimentar-se, expandir-se e improvisar, possibilitando oportunidades de troca de experiência, de formação de grupos (de proximidade, de brincadeiras e de jogos, no caso das crianças e jovens), de contato e mistura de diferentes idades e gerações. (SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p.10).

Sendo assim, o Projeto de Extensão Construindo Saberes é um recurso para a comunidade, no sentido de informar, acolher as crianças em um espaço sócio-educativo, potencializando a expressão da criatividade, a curiosidade, os sonhos, a fantasia e a alegria, participando de uma nova experiência cultural de inserção social pela via do resgate do aprender.

Considerando as dificuldades de aprendizagens existentes no contexto das crianças, tentamos construir uma relação de confiança e afeto, trabalhando com a autoestima desses sujeitos, em busca de uma maior autonomia e do desejo de buscar mais conhecimentos.

Para uma melhor compreensão, não podemos deixar de mencionar a parceria existente entre a Feevale e o Centro Social Madre Regina, local onde ocorrem as ações do projeto. Além do projeto Construindo Saberes, é desenvolvido, no mesmo local, o Projeto Criar e Recriar, administrado pelo próprio Centro Social, que atende as mesmas crianças, porém, em horários diferentes.

O projeto de Extensão Construindo Saberes é norteado pelo diálogo e, principalmente, pelo lúdico. Possui dois ambientes onde são realizados diferentes atendimentos: a sala lúdica e a biblioteca.

Iniciando pela sala lúdica, os atendimentos são somente para algumas crianças com maiores dificuldades de aprendizagem. Acontecem em grupos de dez crianças, uma vez por semana, tendo cada atendimento a duração de uma hora e meia. Nesse espaço, as crianças são conduzidas a atividades diferenciadas e dirigidas, em que desenvolvem a aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras.

No espaço da biblioteca, são atendidas, em um grande grupo, todas as crianças do projeto em horários previamente estipulados. Temos como objetivo desenvolver o gosto pela leitura de uma forma prazerosa, buscando estimular a imaginação, a criatividade e a

aquisição de novos conhecimentos por meio da hora do conto, de livros e de atividades dirigidas.

Material e metodologia

O desenvolvimento da pesquisa do “Marco Zero” caracterizou-se pela necessidade do projeto de permanecer no local em que está inserido e para verificar quais os motivos de sua existência, conforme a opinião da comunidade envolvida.

Segundo Simson, Park e Fernandes (2001, p.11), “assim o primeiro passo seria considerar os desejos e anseios da população com a qual se pretende trabalhar, e, a partir de estudos da realidade da comunidade em questão, integrar, a todo momento, essa realidade observada [...]”.

É importante conhecermos bem a realidade e a comunidade com a qual trabalhamos, só assim conseguiremos fazer um bom trabalho e poderemos, de fato, ajudar essas pessoas, atendendo as suas necessidades e expectativas.

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário com os familiares das crianças, perguntando: “por que seu filho (a) participa do projeto?”

Resultados e discussões

A partir das respostas devolvidas pelos familiares das crianças, pudemos perceber uma grande preocupação dos pais em relação a com quem deixar seus filhos quando não estão na escola. Seguem, abaixo, algumas respostas:

O projeto Construindo Saberes apareceu numa hora muito boa, onde meus filhos não têm idade para estar em creches e, muito menos, sozinhos em casa enquanto eu trabalho. Então, para mim, é ótimo, eles não ficam na rua, estão no Projeto aprendendo várias atividades, brincando, crescendo e fico tranquila em saber que estão muito bem cuidados. E as crianças gostam. (Resposta 1)

Meu filho participa do projeto para ele não ter tempo de ficar na rua e para ele participar de tantas coisas e eu me sinto tão bem quando ele está projeto. (Resposta 2)

Para um melhor desenvolvimento, para se enturmar melhor, para não andar na rua e porque é bom tanto para eles quanto para nós. (Resposta 3)

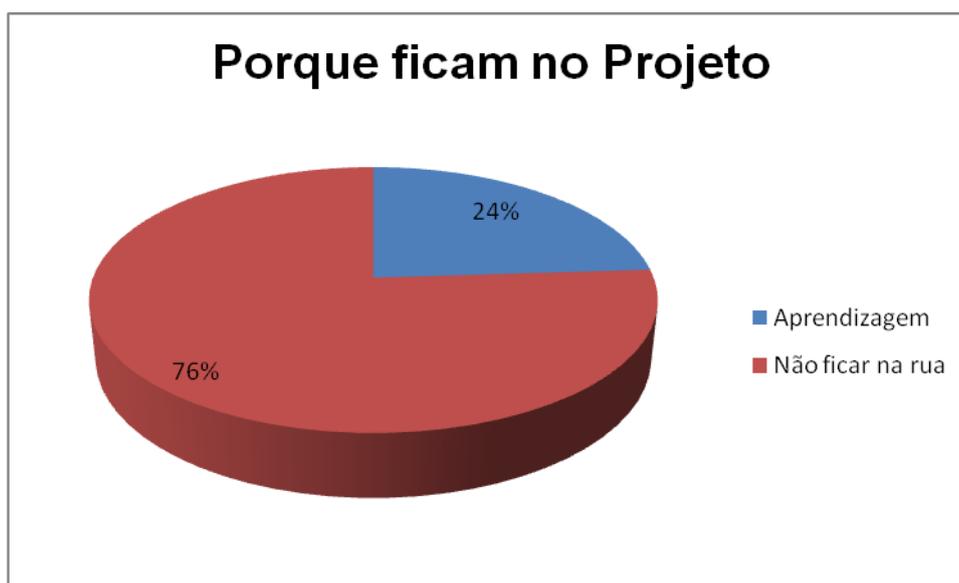
Em outras respostas, notamos que os pais, além da preocupação com relação a onde deixar seus filhos, eles se preocupam também com que estejam em um lugar acolhedor e

de aprendizagens.

Minhas filhas participam do projeto porque é muito importante para a sua educação, para aprendizado e para a convivência com outras crianças. (Resposta 4)

Para obter mais cultura e aprender mais com os professores e colegas. Isto está sendo muito bom para eles em geral. Parabéns. (Resposta 5)

No gráfico abaixo, podemos perceber que 24% das respostas indicam que o motivo da participação no projeto é a aprendizagem e 76% sugerem o projeto como possibilidade de seus filhos não ficarem na rua.



Conclusão

Avaliando o resultado do “Marco Zero”, percebemos a importância desse projeto social permanecer nessa localidade e da diferença que ele faz na vida dos sujeitos envolvidos.

Concluimos que o projeto faz-se necessário, para que se possam suprir as necessidades da comunidade, minimizando a preocupação dos pais em relação ao fato de não deixarem as crianças sozinhas em casa, na rua ou com pessoas que apenas as assistem, tendo somente os cuidados básicos de higiene e alimentação, ficando, assim, desassistidas quanto ao afeto e ao desenvolvimento cognitivo.

O Projeto de Extensão Construindo Saberes torna-se um facilitador no cotidiano dessas pessoas, pois as crianças, além de ficarem em um lugar seguro, recebem uma educação não formal, o que auxilia o trabalho das escolas e reduz o índice de defasagem idade/série escolar, um dos graves problemas que a comunidade enfrenta.

Referências:

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. **Educação não-formal Cenários da criação**. SP: Editora da UNICAMP, 2001.



PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE O BULLYING ESCOLAR

Área Temática: Educação

Responsável: Patrícia Oliveira de ANDRADE

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Patrícia Oliveira de ANDRADE¹; Patrícia Nunes da FONSÊCA²; Jérssia Laís Fonsêca dos SANTOS³;

Resumo

O *bullying* corresponde a comportamentos de violência física, verbal e/ou psicológica, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, praticadas por indivíduos ou grupos de pessoas contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar ou/e agredir, causando dor e angústia à vítima. Assim, este trabalho tem por objetivo fazer um levantamento sobre o conhecimento de profissionais da educação a respeito do *bullying* no ambiente escolar. Participaram 83 profissionais dentre eles, gestores, equipe técnica e professores das escolas municipais da cidade de João Pessoa/PB. Eles responderam um questionário semi-estruturado em que abordava sobre o conceito, as características das vítimas e dos agressores, as consequências deste tipo de ato e as atitudes que promovem a prevenção. Os resultados obtidos foram: 32% dos participantes demonstraram ter uma percepção sobre o *bullying* mais direcionada para as características físicas; 70,1% das respostas caracterizaram a vítima com atributos físicos fora do padrão esperado pela sociedade; 66,3% dos agressores apresentam fortes características sociais; 76,5% das consequências são de ordem psicológica; 50% das ações de prevenção ao bullying são de responsabilidade da gestão e equipe técnica.

Palavras-chave: Bullying, escola, profissionais da educação.

Introdução

Nas últimas décadas, o *bullying* tem sido um dos principais problemas identificados nas escolas, desta forma tem sido um tema que tem gerado preocupação e interesse nos contextos educacional e social.

Em todo o mundo as pesquisas revelam que entre 5% a 35% dos alunos estão envolvidos no fenômeno *bullying*, situação que se repete no contexto brasileiro. De acordo com o levantamento realizado pelo IBGE no ano de 2009 com estudantes do 9º ano do ensino fundamental de 6.780 escolas dos ensinos públicos e privados de todas as capitais brasileiras, incluindo o Distrito Federal, 30% dos jovens pesquisados indicaram ter sofrido *bullying* pelo menos uma vez (IBGE, 2009). Na Paraíba no ano de 2007, um estudante de escola particular usou o site de relacionamento Orkut para denunciar que era vítima de humilhações na escola, passando a ameaçar a direção do colégio e os estudantes, caso não fosse tomada nenhuma providência. O episódio despertou a

1 Aluna do Curso de Psicopedagogia/UFPB; 2 Professora Adjunta do Curso de Psicopedagogia/UFPB; 3 Aluna do Curso de Psicopedagogia

preocupação de autoridades públicas, profissionais de educação, estudantes e familiares. Após tal ocorrência, a Câmara Municipal de João Pessoa aprovou um Projeto de Lei que deu origem à Lei Municipal nº11.381 de 2008, que autoriza o poder executivo a instituir o programa de prevenção ao *bullying* nas escolas municipais da Capital, tornando-se pioneira neste tipo de ação.

O *bullying* corresponde a comportamentos de violência física, verbal e/ou psicológica, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, praticadas por indivíduos ou grupos de pessoas contra uma ou mais pessoas. Estes atos têm o objetivo de intimidar e/ou agredir, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (FANTE, 2008). O *bullying* não pode ser confundido com uma brincadeira ou gozação, com conflitos ou brigas características da infância, é um comportamento que agride o outro, deixando sequelas para o resto da vida, então, deve ser entendido por profissionais, especialmente da área educacional, a fim de buscar soluções para o problema (SILVA, 2010).

A literatura aponta que o *bullying* pode se apresentar de seis tipos: físico ou direto, psicológico, verbal, social, sexual, *cyberbullying*. O físico compreende atos como bater, empurrar, agredir, ferir; o psicológico caracteriza-se por ameaça, intimidação; o verbal refere-se a comportamentos de xingar, insultar, tecer comentários pejorativos; o social diz respeito a condutas de exclusão e discriminação; o sexual relaciona-se com atos de insultos com palavras abusivas, de caráter sexual; e o *cyberbullying*, onde o agressor se utiliza de meios tecnológicos para agredir e insultar suas vítimas.

O *bullying* é um fenômeno complexo e envolve vários personagens, são eles: o agressor, a vítima e as testemunhas/espectador. O agressor é aquele que se vale da força física para aterrorizar os outros, apresentando uma postura arrogante, de liderança no grupo, e utiliza suas habilidades para dominar o outro; a vítima é aquela pessoa que não consegue se impor, passiva, tímida, insegura e com baixa auto-estima; as testemunhas são aquelas que nem praticam e nem sofre o ato, todavia assistem os acontecimento (FANTE, 2005).

É um tipo de violência que ocorre também fora da escola, nas universidades, na família, porém é nas salas de aulas que essa prática tem maior ocorrência, independente do tipo de escola (pública ou privada) e da série (FANTE, 2005). Gomes (2007) afirma que a prática do *bullying* é um problema que ocorre em toda e qualquer escola, e aquelas escolas que não admitem a ocorrência desse fenômeno entre os estudantes, ou

não têm conhecimento sobre o assunto ou negam a existência dele para não enfrentá-lo, fazendo com que os alunos sintam-se culpados por sofrerem essas agressões. As vítimas do bullying geralmente desenvolvem um desinteresse pela escola, caracterizado por déficit de atenção, baixo rendimento, faltas às aulas e até evasão escolar. Sendo as mais prejudicadas, elas podem desenvolver desde problemas de auto-estima, de relacionamento e de aprendizagens até sérios transtornos comportamentais, responsáveis por índices de suicídio e homicídios entre os estudantes (SILVA, 2010).

Nesta perspectiva esse trabalho tem como objetivo fazer um levantamento acerca do conhecimento de gestores, equipe técnica e professores a respeito do *bullying* no ambiente escolar, para propor sugestões de intervenção visando a prevenção e a promoção de uma cultura de paz.

Materiais e Metodologia

A pesquisa é do tipo levantamento de campo a qual permite conhecer informações acerca de um grupo significativo de pessoas sobre um problema estudado, mediante análise qualitativa e quantitativa.

Participaram da pesquisa 83 profissionais da área educacional, sendo dez gestores, 25 técnicos e quarenta e oito professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa/PB.

A amostra é não probabilística, foi selecionada a partir da conveniência dos pesquisadores. O critério de inclusão do participante era ser profissional da área da educação (gestor, psicólogo, assistente social, supervisor, orientador educacional, psicopedagogo e professor) e trabalhar em uma escola pública do município.

Os participantes responderam um questionário semi-estruturado elaborado pelos membros do Núcleo de Estudos do Desenvolvimento Humano, Educacional e Social, vinculado a Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da coordenadora do grupo. O questionário continha cinco questões sobre o *bullying*, as quais abordavam os seguintes aspectos: conceito, características das vítimas e dos agressores, as consequências deste tipo de ato e as atitudes que promovem a prevenção. Também foi solicitado que respondessem algumas questões sócio-demográficas.

Os questionários foram respondidos no local de trabalho dos participantes que foram convidados a responderem a instrumento. Na oportunidade, foi apresentado o projeto e solicitado a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com as devidas orientações. O sigilo da identidade dos participantes foi garantido,

prevenindo quaisquer riscos. Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin.

Resultados e Discussões

Os resultados mostraram que os profissionais das escolas municipais indicaram sua compreensão acerca do *bullying* através de 142 palavras que representaram 32,4% características físicas (*ex. ferir, agressão*), 28,2% características psicológicas (*ex. intimidação, medo, ameaças*), 22,5% características sociais (*ex. discriminação, preconceito, exclusão*), 12,7% características morais (*ex. desrespeito, humilhação*) e, por fim, 4,2% características verbais (*ex. chacota; zombaria*).

Quanto às características das vítimas, observou-se que os profissionais indicaram 124 características, sendo 70,1% físicas (*ex. gordas, que usam óculos, deficientes físicos*); 21,7% psicológicas (*ex. tímidas, quietas, introvertidas*) e 8,2% sociais (*ex. pobres, homossexuais*).

Com relação ao perfil do agressor, os profissionais representaram 74 características que indicavam, em sua maioria, atributos de natureza social (66,3%) (*ex. populares, líderes*); em seguida, psicológicas (27,0%) (*ex. violentos, desequilibrados*) e, por fim, características físicas (6,7%) (*ex. fortes, bonitos*).

As respostas dos profissionais com relação ao sofrimento das vítimas de *bullying* foram apresentadas 128 consequências, dentre elas: 76,5% psicológicas (*ex. angústia, depressão, agressividade*); 18,8% sociais (*ex. isolamento, rejeitado*) e 4,7% físicas (*ex. hematomas*).

No que se referem às ações que os profissionais da educação podem desenvolver no sentido de contribuir para a prevenção do *bullying*, os participantes indicaram 82 ações, sendo 50% de responsabilidade da gestão e equipe técnica (*ex. palestras, campanhas na escola anti-bullying*); 31,7% dos professores (*ex. trabalhar valores éticos e morais, discussão na turma sobre o tema, observar o comportamento real e constante dos alunos*); 11% da família (*ex. melhor interação familiar, impor limites, resgate de valores*) e 7,3% dos alunos (*ex. solidariedade, romper com a prática do bullying*).

Fazendo uma análise sobre os dados apresentados, pôde-se verificar que os participantes demonstraram ter uma percepção sobre o *bullying* mais direcionada, primeiramente, para as características físicas, seguidas das psicológicas e sociais, o que corrobora com o que a literatura quando ressalta que a prática do *bullying*, muitas vezes, ocorre de forma física e social, gerando consequências psicológicas.

Para os participantes, as vítimas são, em sua grande maioria, pessoas que apresentam algum atributo físico não condizente com o que é socialmente aceito, como por exemplo, ser gordo. Isto parece mostrar o quanto às pessoas tem enfatizado e valorizado o padrão físico exposto pela mídia, e defendido por uma sociedade consumista e capitalista. Assim, quem não se enquadra neste padrão pode ser suscetível a violência por parte do grupo social.

Parece evidente, a partir dos resultados, que os participantes representam o agressor como uma pessoa com fortes características sociais, como exemplo, ser líder. Tal aspecto corrobora com a literatura uma vez que aponta o poder de liderança como um forte atributo do agressor, já que ele é capaz de manipular um grupo contra uma determinada vítima, gerando, sobretudo, conseqüências psicológicas.

É interessante ressaltar que os profissionais da educação ao apresentarem ações de prevenção delegam a gestão e a equipe técnica da escola, na sua maioria, a responsabilidade para tal. Isto revela que muito se espera da administração da escola, até porque, as decisões das ações partem, a princípio, do gestor.

Conclusão

A partir da análise dos dados pôde-se observar que os profissionais da educação conhecem os comportamentos que identificam o *bullying* na sala de aula, quais são as características das vítimas e as conseqüências, os agressores e as ações de prevenção que poderiam ser desenvolvidas no contexto escolar.

Contudo, para se prevenir da ocorrência de *bullying* é fundamental uma mobilização de toda comunidade escolar, gestores, equipe técnica, professores, alunos e família. Neste caso, deve-se desenvolver um trabalho efetivo que vise trabalhar o respeito, a aceitação das diferenças e os valores sociais, tendo como meta a prevenção e a promoção de uma cultura de paz.

Referências

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). **Pesquisa nacional sobre a saúde do escolar.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/> (consultado em 2011/11).

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas, SP: Verus, 2005.

GOMES, Jenifer Medeiros. **As configurações do fenômeno bullying no ambiente escolar e suas implicações psicológicas.** Trabalho de conclusão de curso (Psicologia). Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma, 2007.

SILVA, Ana Beatriz. **Mentes perigosas nas escolas: bullying.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES EM FOCO: AVALIANDO AÇÕES NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

João Morais de Sousa¹; Bruna Tarcília Ferraz²; Delson Laranjeira³

Resumo

Este estudo insere-se no debate sobre políticas públicas e tem como objeto a avaliação do Programa Conexões de Saberes, no âmbito da UFRPE, durante seu primeiro ciclo de desenvolvimento, que se estendeu de 2006 a 2010. Elegemos como foco os impactos do programa para a promoção do protagonismo juvenil e as repercussões do PCS para o estímulo à proposição, criação e institucionalização de políticas de ação afirmativa na IES. Os egressos destacam a importância do programa para o aumento na “relação com as comunidades de origem”, enfatizam sua contribuição para o sucesso acadêmico, e mencionam que a assistência financeira foi de extrema importância para a permanência na universidade. Contudo, destacamos que o desafio do PCS, agora associado ao PET/Conexões de Saberes, seria fortalecer as estratégias de formação qualificada, inclusão social, como também ações de avaliação e acompanhamento, de maneira participativa.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Ações afirmativas; Educação Superior

Introdução

Historicamente, os chamados Estudantes Universitários de Origem Popular (EUOP), tem enfrentado uma série de dificuldades para ter acesso e permanecer em uma instituição de ensino superior pública (IES). Afinal, a universidade ao valorizar exclusivamente o mérito acadêmico acaba por não priorizar o estabelecimento de espaços didático-pedagógicos para atender às necessidades desse grupo, que na última década tem crescido, como transporte, alimentação, aquisição de material didático e principalmente oportunidades adequadas para participar das atividades de pesquisa e extensão.

Desde 2006, a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) integra a rede de instituições que fazem parte do Programa Conexões de Saberes (PCS): diálogo entre a universidade e as comunidades populares. Enquanto programa acadêmico, diretamente vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, o PCS na UFRPE tem envolvido e acolhido centenas de estudantes de origem popular de diferentes cursos de Graduação, na perspectiva de promover o protagonismo e o sucesso, tanto relativo ao mérito acadêmico, quando à valorização da identidade popular.

Desenvolvido pelo Ministério da Educação, até 2010, através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), o PCS destina aos universitários de origem popular bolsas de apoio acadêmico, para atuarem em ações de

¹ Coordenador da Educação Continuada da PRAE.

² Tutoria do PET/Conexões de Saberes Avaliação de Políticas Públicas em Ações Afirmativas na UFRPE

³ Pró-Reitor de Extensão da UFRPE - PRAE

ensino/pesquisa/extensão em suas comunidades. Ao promover o diálogo entre os saberes acadêmicos e populares (PROEXT, 2001), busca superar uma compreensão tradicional de extensão como disseminação de conhecimentos, prestação de serviços e difusão cultural.

Em escala nacional, pretende-se que os EUOP apoiados pelo PCS sejam inseridos em atividades voltadas para elaboração de diagnósticos, proposição e avaliação de políticas de ações afirmativas de acesso e permanência nas IES, fortalecendo a trajetória acadêmica e as ações desenvolvidas nas comunidades populares.

Do ponto de vista regulatório e institucional, o PCS surge com a portaria nº 1, de 17 de maio de 2006 (SECAD/MEC) [1]. Nesta portaria, o PCS surge como um programa que busca apoiar projetos inovadores das instituições federais de ensino superior para assegurar a permanência dos estudantes oriundos de espaços populares. Desse momento em diante, o EUOP pode ser visto como um aluno que cursou todo o ensino básico em uma instituição pública, cuja soma da renda dos pais ou responsável seja até três salários mínimos, que a escolaridade dos pais esteja limitada ao ensino fundamental e que sua percepção do local de moradia esteja na categoria popular ou periférica. A questão enfrentada, quando se trata do acesso e da permanência ganha novos desafios, quando levamos em conta não só o recorte social, mas também a questão étnica, como a auto-declaração de ser preto ou índio.

Em 22 de dezembro de 2010, com o lançamento da portaria conjunta de nº 1, pela SECAD e a SESu/MEC, um ciclo de crescimento para o Programa Conexões de Saberes se encerra. E uma nova trajetória de oportunidades e desafios se abre ao se instituir a “Coordenação Executiva Nacional do Programa Conexões de Saberes, como uma instância de caráter consultivo, composta por representantes das Secretarias de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e de Educação Superior do Ministério da Educação; de Instituições de Educação Superior participantes do Programa e de representantes de instituições da sociedade civil”. E neste novo ciclo, a portaria também reforça um novo caráter institucional do PCS, de agora em diante, associado ao Programa de Educação Tutorial (PET), mais diretamente vinculado à Secretaria de Educação Superior (SESu/MEC) em articulação com a SECAD. Neste artigo, trazemos uma reflexão e avaliação do Programa Conexões de Saberes, no âmbito da UFRPE, durante seu primeiro ciclo de desenvolvimento, que se estendeu de 2006 a 2010, através da SECAD. Ao compreendermos a importância de estudos sobre avaliação de políticas públicas em nosso país (CARVALHO; FARIA, 2001), contemplamos para esta análise duas dimensões: a **dimensão dos EUOP**; e a **dimensão institucional**.

Material e Metodologia

Na busca por entender os impactos do PCS na vida acadêmica do bolsista e na dinâmica para institucionalizar políticas de ações afirmativas na UFRPE, realizamos o estudo através de dados coletados por meio de entrevistas, aplicação de questionários de cunho quantitativo com egressos, que tiveram uma participação no PCS por mais de 1 ano (amostra perto de 10%), análise de materiais institucionais do Programa Conexões de Saberes, como também projetos e produções dos bolsistas no período de 2006 a 2010.

As análises buscaram identificar e compreender, através dos projetos de extensão e das produções dos EUOP egressos enquanto bolsistas do PCS na UFRPE o desenvolvimento da postura protagonista e autônoma no diálogo com as comunidades, e através dos discursos dos EUOP e das respostas dadas no questionário, inferir acerca da sua percepção quanto a sua inserção e sucesso na academia e também quanto a sua identificação com suas comunidades e ainda com a temática das ações afirmativas.

Resultados e Discussões

Das análises, observamos que o PCS na UFRPE, no período considerado, na dimensão relativa ao EUOP, principalmente na promoção do protagonismo, do fortalecimento do sucesso acadêmico e da identidade do EUOP com suas comunidades teve uma repercussão muito positiva e evoluiu de maneira significativa. Afinal, mais do que 70% dos egressos destacam aumento na “relação com as comunidades de origem”, como também afirmam que aumentou a “auto-confiança”, e ainda dizem que houve um acréscimo na “dedicação com a universidade e com o curso” e também destacam que a relação com suas famílias foi “fortalecida”, durante ou após sua passagem pelo programa.

Do ponto de vista do mérito, ou do sucesso acadêmico, nossos estudos da percepção dos egressos nos permitem inferir, que o PCS na UFRPE teve um impacto muito acima do esperado, se considerarmos os desafios, que os estudantes enfrentam, na educação básica pública. Os resultados indicam um alto grau de sucesso, afinal mais do que 50% dos egressos afirmam que o rendimento acadêmico aumentou ou permaneceu constante nas disciplinas e que apenas perto de 1% enfatiza “queda nas notas das disciplinas”. O sucesso acadêmico também pode ser percebido, através dos depoimentos, quando mais de 50% dos egressos afirmam que participar do PCS na UFRPE “muito contemplou e contribuiu” para sua entrada em outros “projetos de ensino, pesquisa e extensão”, e até a inserção na “pós-graduação”, como também no “mercado de trabalho ou estágios profissionais”. Por outro, é preciso destacar que essa inserção em programas de

pós-graduação foi um tanto frágil e merece maiores estudos, pois perto de 40% dos egressos também destacam que o PCS na UFRPE “pouco ou nada” contribuiu.

Um aspecto esperado é quanto ao grau de satisfação com o PCS na UFRPE para a permanência, cuja repercussão alcançou mais de 90% dos egressos, considerando o programa, como um “ótimo ou bom” instrumento de assistência financeira. Além do mais, acima de 90% dos egressos ainda destacam que o PCS na UFRPE teve uma “ótima ou boa” contribuição para a formação, enquanto pesquisadores e extensionistas, contemplando aspectos formativos acadêmicos no âmbito “social” e “técnico-científico”.

Ainda na dimensão dos EUOP, no que diz respeito à formação, temos outro resultado esperado, por se tratar de um programa de cunho social, em uma universidade com forte ênfase nas questões agrícolas. Nesse sentido, perto de 90% dos egressos afirmam que o PCS na UFRPE contribuiu com a formação no campo dos saberes relacionados à temáticas como a “Educação Ambiental” e “Cidadania”.

Quanto aos aspectos relativos à cultura da avaliação e à temática das ações afirmativas, podemos afirmar que o PCS na UFRPE apresenta os aspectos mais frágeis. Afinal, por se tratar de um programa, que busca institucionalizar ações afirmativas nas IES, percebemos uma limitação nesse campo do conhecimento, quando menos de 40% dos egressos afirmam que os saberes relativos às “relações étnico-raciais” foram aqueles “mais contemplados”, enquanto bolsista do Programa. Essa limitação na formação para a diversidade é ainda mais preocupante quando percebemos que, apesar da percepção, que as cotas universitárias “contribuí” ou “muito contribuí” para a “democratização da universidade”, menos de 20% dos egressos do PCS na UFRPE consideram que as cotas devam alcançar os grupos de “negros e índios”, enquanto que mais de 70% defende que as cotas sejam voltadas para “alunos da escola pública”, por outro lado perto de 50% defende cotas para “alunos de baixa-renda”. Essa fragilidade repercute diretamente na dimensão institucional, quando se concebe o PCS, com vistas a estimular a proposição, criação de políticas de ações afirmativa nas IES. Afinal, mesmo percebendo, por meio das publicações de autoria e co-autoria dos egressos, em eventos e encontros, em escala local, regional de nacional, a promoção do protagonismo e da autonomia estudantil, através do estímulo ao planejar e executar ações formativas para seus pares e também ações de extensão negociadas juntos as suas comunidades, com ênfase na promoção da cidadania e dos direitos humanos, podemos inferir que foram frágeis a incorporação da cultura da avaliação e a qualificação do debate em torno das políticas de ações afirmativa. Essa limitação dificultou um maior envolvimento em processos de avaliação participativa

(quantitativamente e qualitativamente) no PCS na UFRPE, enquanto política pública, implicando que os egressos não destacaram sua participação na gestão e na sugestão de novos rumos para o programa.

Conclusão

Discutir as repercussões de um programa de valorização da extensão, do protagonismo estudantil e do diálogo com os saberes populares, em uma instituição superior pública, nos permite ainda refletir sobre os fins da educação superior, na contemporaneidade, considerando a emergência de políticas específicas de reparação social e histórica, em particular, as ações afirmativas. Diante do quadro apresentado, e das repercussões alcançadas pelo PCS na UFRPE, durante este primeiro ciclo de desenvolvimento, podemos dizer que o desafio do PCS, agora associado ao PET/Conexões de Saberes, seria fortalecer as estratégias de formação qualificada, inclusão social, como também ações de avaliação e acompanhamento, de maneira participativa e colegiada. Acreditamos que o maior envolvimento, compreensão e entendimento dos sujeitos com a própria política de ação afirmativa, no âmbito institucional, qualificam a atuação dos estudantes. E nesse sentido, como alguns egressos do PCS na UFRPE destacam a dimensão da crítica educativa ao remeterem informações sobre o referido programa, acabaram por contribuir na projeção de ações no sentido de fomentar o protagonismo em análises valorativas do programa em seu processo.

Referências

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. Avaliação Participativa – Uma escolha metodológica. In: Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate / Elizabeth Melo Rico (Org.) – 3. ed. – São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 2001.

FARIA, Regina M. Avaliação de programas sociais: evoluções e tendências. In: Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate / Elizabeth Melo Rico (Org.) – 3. ed. – São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 2001.

Legislação Consultada

MEC. Termo de Referência para execução no ano de 2007 do Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares. Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2007a.

_____. Plano Nacional de Extensão Universitária Edição Atualizada. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC. Brasil. 2000-2001.

_____. Resolução CD/FNDE nº 052, de 25 de outubro de 2004. Brasília, 2004.

PROGRAMA INTERDISCIPLINAR UFSJ - CASAS LARES

Área temática: Educação

Prof. Marise Botti

Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ)

Diego de Sousa Mendes [1]; Stéphane Fonseca Zanitt [2]; Rafael Medeiros Nascimento Silva [3]; Marcelo Pereira de Andrade [4]; Vladimir Agostini Cerqueira [5]; Ricardo Ducatti Colpas [6]; Kleber do Sacramento Adão [7]; Elaine Valéria Rizutti [8]

Por meio da Assistência Social da Comarca de São João del-Rei (Vara da Infância e Juventude), da coordenadoria do Curso de Educação Física e do Departamento de Ciências da Educação Física e Saúde, do Departamento de Música e do Curso de Teatro, todos pertencentes à Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), iniciou-se a Programa Interdisciplinar UFSJ – Casas Lares. O Programa tem como objetivo contribuir com a formação das crianças e adolescentes abrigadas nas Casas Lares por meio da socialização de bens simbólicos/culturais sem perder o prazer e a ludicidade. Outro objetivo é formar os discentes e docentes da UFSJ para a atuação com crianças e jovens em situação de risco/abandono/vulnerabilidade, tuteladas pela justiça. O Programa está sendo orientado por procedimentos metodológicos da Pesquisa-ação. Em seus primeiros meses de execução, tivemos como principais resultados parciais, a realização de reuniões coletivas para o planejamento das atividades e visitas técnicas ao campo para aproximação dos docentes e discentes da UFSJ com as crianças das Casas Lares. Por fim, percebemos que a tarefa de aproximação inicial com o campo foi de extrema relevância para estabelecermos uma relação de cooperação e coparticipação entre os participantes do Programa, bem como para orientarmos a elaboração dos Módulos de atividades a serem propostos, como práticas esportivas/brincadeiras populares, de educação musical e artes cênicas.

Palavras-chave: Educação; Interdisciplinaridade; Pesquisa-ação

INTRODUÇÃO

No início do mês de dezembro de 2010, a coordenadoria do Curso de Educação Física e Departamento de Ciências da Educação Física e Saúde foram procurados pela assistência social da Comarca de São João del-Rei – Vara da infância e juventude para o desenvolvimento de atividades educacionais relacionadas à Educação Física com as crianças e adolescentes abrigadas em instituições das cidades de São João del-Rei e Santa Cruz de Minas, chamadas de Casas Lares.

Projetando uma ampliação das possibilidades educacionais a serem propiciadas, outros Departamentos da UFSJ foram procurados para integrar a elaboração e desenvolvimento deste programa, na busca por ações coletivas, em diferentes áreas do conhecimento, com vista à oferta de propostas educativas mais amplas, que contemplem as múltiplas linguagens na formação das crianças e adolescentes das Casas Lares.

Inicialmente o programa está composto pela participação do Departamento de Ciências da Educação Física e da Saúde (DCEFS), do Departamento de Música (DMUSI) e do Departamento de Letras, Artes e Cultura (DELAC). Futuramente pretendemos estender esta participação também

outros departamentos da UFSJ. Deste modo, o presente Programa tem um caráter interdepartamental, em que diferentes áreas do conhecimento como a Música, o Teatro, a Educação Física, tem a oportunidade de dialogarem entre si numa concepção de interdisciplinaridade.

O objetivo geral do programa é contribuir com a formação das crianças e adolescentes abrigadas nas Casas Lares, por meio da socialização de bens simbólicos/culturais sem perder a dimensão de atividades que envolvam o prazer e a ludicidade. Outro objetivo é formar os discentes e docentes da UFSJ para a atuação com crianças e jovens em situação de risco/abandono/vulnerabilidade, tuteladas pela justiça.

O foco do trabalho não é realizar as atividades que sejam funcionalistas ou utilitárias, isto é, que simplesmente ocupem o tempo ocioso das crianças e adolescentes, mas realizar atividades que envolvam as diversas linguagens culturais (artes, esporte, letras, cinema, jogos, música, teatro) de forma a educá-las, socializá-las e garanti-las como direito de qualquer sujeito. As crianças e adolescentes abrigadas nessas instituições em idade escolar estão matriculadas na rede pública de ensino, nossa intenção é possibilitar ainda mais a aquisição dos bens simbólicos.

Para além da produção e veiculação do conhecimento, também temos outra preocupação neste Programa, que é de despertar em todos os sujeitos envolvidos para a obrigação da vigília as ações do poder público na aplicação de recursos e desenvolvimento de políticas públicas para crianças e adolescentes em vulnerabilidade social.

Também defendemos que nós, membros da academia, tenhamos uma preocupação cotidiana com o zelo pelas crianças e adolescentes que são vítimas de maus tratos sejam pelos pais, responsáveis ou por essa sociedade, afinal o que a academia tem feito para reverter essa situação? Enfim, buscamos o desenvolvimento de um programa que rompa com as fronteiras de áreas e que constitua num trabalho interdisciplinar e que possa contribuir na formação integral dessas crianças e adolescentes.

MATERIAL E METODOLOGIA

A PESQUISA-AÇÃO COMO OPÇÃO METODOLÓGICA

Nossas ações pretendidas neste “Programa de Extensão Interdisciplinar Casas Lares” são orientadas com base em elementos da pesquisa-ação, uma metodologia das ciências humanas e sociais que se distingue dos modelos tradicionais de pesquisa por basear-se na busca, ao mesmo tempo, em conhecer e intervir na realidade. Deste modo, suas ações não se baseiam numa metodologia fixa, fechada em si própria.

Para Thiollent (1994, p. 14), a pesquisa-ação é “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores estão envolvidos de modo cooperativo ou

participativo”.

A pesquisa-ação se organiza mediante a organização do trabalho em ciclos, denominados de ciclos básicos de Investigação-ação, em que há um momento inicial de planejamento, seguido de uma intervenção registrada e, por fim, a análise e reflexão do processo instituído. Desta forma, é possível detectar e analisar quais procedimentos da intervenção foram limitantes ou assertivos na condução das ações implementadas e/ou na formação dos sujeitos envolvidos.

Para a realização do Programa os primeiros meses foram dedicados a realização de reuniões coletivas para o planejamento das atividades e estabelecimento de estratégias de aproximação dos docentes e discentes da UFSJ com as Casas Lares. Deste modo, o planejamento das atividades e das ações foi realizado de modo que todos seus agentes participem, contribuíssem e tivessem voz ativa em todo o processo.

Posteriormente, num segundo momento, serão realizadas atividades no formato de módulos temáticos que sejam desenvolvidas na UFSJ, no Campus CTAN (quando necessário em outros Campi da UFSJ) aos finais de semana e nas Casas Lares no período noturno. O DCEFS integra o programa com a oferta de atividades esportivas, de dança, ginástica, brincadeiras, jogos entre outras, o DMUSI com ações de educação musical e o DELAC, por meio do curso de Teatro, contribui com experiências a partir das linguagens cênicas e circenses. O cronograma de execução prevê que cada Módulos tenha duração de quatro (4) semanas. A sequência de um Módulo para outro implicará numa constante reflexão-ação das situações problemas vivenciadas no Programa.

O público-alvo deste Programa são as crianças e os adolescentes pertencentes às Casas Lares de São João Del Rei e Santa Cruz de Minas. O acompanhamento e a avaliação do Programa serão realizados por todos agentes participantes do Programa, pois a cada encerramento e planejamento dos módulos realizaremos reuniões com os sujeitos das Casas (crianças e adolescentes, monitoras e assistência social), além de reuniões com os discentes e docentes da UFSJ. O intuito das reuniões será de refletir, repensar e reorganizar as ações e atividades desenvolvidas no Programa.

Por fim, acreditamos que a pesquisa-ação pode nos auxiliar no desenvolvimento das ações junto as Casas Lares, nos indicando quais os melhores caminhos a seguir durante o processo, sem necessariamente apontarmos previamente certezas quanto as formas de intervenção e resultados, o que não implica, em hipótese alguma, ausência de rigor científico e ético na condução de nosso Programa.

RESULTADOS ALCANÇADOS ATÉ O PRESENTE MOMENTO

Após as primeiras reuniões de planejamento do Programa foram realizadas visitas técnicas as Casas Lares com intuito de nos aproximarmos da realidade dos campos e de seus sujeitos e para levantarmos dados que subsidiassem a elaboração dos Módulos de atividades a serem ofertados.

Em reuniões com assistentes sociais e em nossas visitas pudemos constatar que as Casas Lares

possuem um público de idade diversa e “flutuante”, pois o número de abrigado oscila constantemente em função da chegada de novos residentes ou do encaminhamento das crianças e jovens para adoção, retorno às famílias ou responsáveis legais (quando solucionadas as situações de riscos e vulnerabilidade no núcleo familiar) ou pelo fato de alguns jovens atingirem a maioridade. Foi possível constatar que a Casa Lar Regional de Santa Cruz de Minas, acolhe em média 32 crianças e adolescentes das cidades de Santa Cruz de Minas, Tiradentes, Ritópolis, Conceição da Barra de Minas, Nazareno, São Tiago e Lagoa Dourada. A faixa etária das crianças e adolescentes abrigados nessa casa são de 0 a 17 anos. a Casa Lar de São João Del Rei estava em reforma suas crianças abrigadas em uma casa temporariamente alugada. Esta casa acolhe prioritariamente crianças e adolescentes de 2 a 15 anos do Município de São João del-Rei, em média tem 30 crianças e adolescentes

As condições estruturais/espaciais das Casas se apresentaram limitantes para o desenvolvimento de algumas atividades do Programa, sugerindo que as atividades devem ser prioritariamente realizadas nos campus da UFSJ, o que também favorece a aproximação das crianças das Casas com este espaço público de formação.

A heterogeneidade de idades das crianças e adolescentes e a flutuabilidade do público também impôs novas condições a estruturação do trabalho. A partir do que foi observado nas Casas ficou latente a necessidade de apresentarmos Módulos diferenciados para as crianças entre 5 e 10 anos de idade e os maiores de 10 anos. As crianças menores de 5 anos inicialmente não serão atendidas no Programa devido a dificuldade no transporte das mesmas até a Universidade.

A aproximação com o campo permitiu também identificarmos os focos de interesse das crianças e adolescentes das Casas Lares, como o desejo em aprender a tocar alguns instrumentos musicais específicos, aptidão de algumas crianças para pinturas e desenhos, o interesse por práticas como o futebol, brincadeiras da cultura popular (pipa, brincadeiras cantadas etc), dança e até capoeira. Constatamos também a realização de comemorações em datas típicas ou de caráter simbólico para os residentes das Casas, como o “dia da família”, o que nos levou a propor como ação inaugural do Programa a realização de uma Festa Junina, no início de julho de 2011. Após a realização desse evento serão estruturados os Módulos temáticos a serem implementados do final de Agosto até início de Dezembro de 2011.

Por fim, as ações empreendidas até o presente momento indicam a necessidade de ampliação do Programa para outras áreas e cursos da UFSJ, como computação, psicologia, pedagogia, letras, entre outros, para que a possibilidade de formação dessas crianças seja enriquecida.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Devido ao Programa estar em seus momentos iniciais (fase de planejamento e ações

introdutórias) não foi possível relatar com maior precisão resultados alcançados ou possíveis limites e possibilidades das atividades formativas. Contudo, é possível concluir neste momento que, a tarefa de aproximação com o campo foi de extrema relevância para estabelecermos uma relação de cooperação e coparticipação entre os participantes do Programa, bem como para orientarmos a elaboração dos Módulos de atividades a serem propostos.

A partir do que foi elaborado, esperamos atingir as seguintes metas junto às crianças e adolescentes das Casas Lares: ampliação do repertório cultural; oportunizar o contato com as diferentes linguagens artísticas/corporais; permitir o acesso aos espaços públicos da cidade em que são oportunizados eventos/cursos relacionados aos módulos trabalhados; possibilitar a criação cultural e artística dos participantes e estimular o convívio social, respeito mútuo, responsabilidade e ética nas ações empreendidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1994.

TRIPP, David. Pesquisa-Ação: Uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.



PROGRAMA UFF-SOS COMUNIDADE

Área temática: Educação

Responsável pelo trabalho: M. T. C. SOARES¹

Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF)

Autores: M. L. M. T. SOUZA.²; C. H. R. SILVEIRA³

RESUMO

A Universidade Federal Fluminense (UFF), por decisão do Magnífico Reitor, criou o Programa UFF-SOS Comunidade - coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). A necessidade de sua criação surgiu com a tragédia no Morro do Bumba, Niterói, Rio de Janeiro, em abril de 2010, dando continuidade com o desastre ocorrido na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, em janeiro de 2011. O Programa visa formar e qualificar uma equipe interdisciplinar para atender as populações atingidas por desastres (naturais, humanos e mistos) e as que se encontram em situação de risco, além de promover a articulação entre toda a comunidade acadêmica, poder-público, população atingida e sociedade em geral, colaborando para a redução dos impactos causados por desastres, bem como desenvolver produtos, técnicas e/ou metodologias que representem efetivas soluções de transformação social. Durante o 1º semestre de 2011, o Programa, juntamente com o Projeto UFF Mulher, realizou visitas em abrigos e nas regiões atingidas, atendendo mais de 2.500 pessoas. O trabalho realizado é resultado da parceria entre as Ações Extensionistas existentes na Universidade, bem como ações externas à UFF. Estas visitas visam o acompanhamento das vítimas de desastres, através do atendimento por psicólogos, psiquiatras, enfermeiros, dentistas, recreadores, dentre outros. Para o 2º Semestre de 2011, estão previstas atividades sobre diversas temáticas, buscando colaborar no esclarecimento e na conscientização da comunidade, visando à promoção da cidadania a todos os atores

¹ Maria Teresa Costa Soares - Coordenadora do Programa UFF-SOS Comunidade.

² Maria Lucia Melo Teixeira de Souza - Presidente da Comissão Organizadora e Gestora do Programa UFF-SOS Comunidade.

³ Catarina Heralda Ribeiro da Silveira - Aluna do Mestrado em Ciência da Informação (UFF) e Graduada em Ciências Sociais (UFF).

envolvidos. Ressaltamos que o Programa UFF-SOS Comunidade foi contemplado com o MEC - PROEXT 2011.

Palavras-Chave:

Extensão universitária, Desastres naturais, Grupos sociais vulneráveis.

INTRODUÇÃO

As fortes chuvas que atingiram o Estado do Rio de Janeiro, em abril de 2010, afetaram 160 comunidades de Niterói, deixando o Município em “estado de calamidade pública”, com cerca de 20.000 desabrigados/desalojados e mais de 200 pessoas mortas. O caso mais grave de Niterói foi o deslizamento do Morro do Bumba, onde dezenas de casas foram soterradas e 47 pessoas encontradas mortas.

Em 11 de janeiro de 2011, fomos surpreendidos com o que foi considerada a maior inundação no Brasil e uma das 10 maiores do mundo: as inundações e deslizamentos na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, provocando mais de 800 mortes e deixando várias cidades e distritos significativamente destruídos.

Na tentativa de minimizar os efeitos das enchentes mencionadas, o Programa UFF-SOS Comunidade, em parceria com as Ações Extensionistas da Universidade, bem como ações externas à UFF, tem realizado, desde a sua criação, diversas ações em prol das vítimas destas tragédias, visando o atendimento à comunidade, além de servir como campo de estágio para os alunos de diversas áreas do conhecimento, já que algumas dessas ações são oriundas de disciplinas de suas respectivas áreas, atendendo, assim, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O Programa tem como objetivos gerais: 1) formação e qualificação de uma equipe interdisciplinar para atuar em situações de emergência ou calamidade pública; 2) promover a articulação entre professores, alunos, técnico-administrativos, especialistas de diversas áreas, pesquisadores, poder-público, população atingida e comunidade em geral, na tentativa de identificar ferramentas práticas e ágeis utilizando, também, as experiências da população para auxiliar na tomada de decisões, tanto individuais quanto em grupo, reduzindo os impactos provocados pelas enchentes e inundações; 3) visitas aos abrigos mapeados e orientados pelos órgãos públicos locais e regiões atingidas, levando as ações de extensão existentes na UFF que atendam as demandas da população.

Para tanto pretende-se: 1) criar uma rede de atuação com as diversas áreas do conhecimento com o objetivo de prevenir ou atuar em caso de emergência; 2) criar um espaço físico para funcionar como um Centro de Referência em situações de emergência; 3) organizar palestras com especialistas na área de desastres naturais e atendimento humanitário; 4) promover oficinas expositivas, práticas de capacitação, eventos técnico-científicos, mini-cursos e atividades extracurriculares; 5) incentivar a criação de núcleos comunitários de defesa civil para replicar os conhecimentos na população; 6) mobilizar e conscientizar a sociedade sobre os riscos e perigos, visando a prevenção novos desastres.

MATERIAL E METODOLOGIA

Inicialmente, a UFF trabalhou na operacionalização das ações ligadas às doações (recebimento, triagem e encaminhamento dos doativos recebidos). Após esta primeira fase, o Programa focou suas ações na prática acadêmica que interliga a Universidade nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, às demandas da população, com a intenção de trabalhar não somente no momento em que ocorre a tragédia, mas dando continuidade no apoio e atendimento às vítimas e, principalmente, na prevenção de novas tragédias.

O Programa busca a criação de um espaço de interlocução e reflexão, onde o público-alvo não só recebe a informação/conhecimento, mas também informa. Neste contexto, adotamos uma metodologia interativa, onde deverá ocorrer a participação de todos os membros da equipe e da sociedade em geral, na tentativa de encontrar soluções para os problemas apresentados que retratam as características locais.

A avaliação do Programa é feita através de reuniões periódicas e da elaboração de relatórios contendo os resultados parciais e o impacto das ações na comunidade. A partir dessas avaliações, novas informações são geradas, estimulando o desenvolvimento de novos projetos e/ou aprimoramento do próprio Programa.

Para a realização das ações nas comunidades, seguimos as seguintes etapas:

- 1) Reunião do Grupo de trabalho para a organização das atividades;
- 2) Contato com coordenadores de ações extensionistas e possíveis parceiros;
- 3) Contato com fornecedores;
- 4) Elaboração do material gráfico;
- 5) Divulgação;
- 6) Realização da atividade.



RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Durante o 1º semestre de 2011, foram realizadas visitas em abrigos e regiões atingidas, atendendo mais de 2.500 pessoas. O quadro abaixo apresenta as atividades realizadas até o momento.

Data	Local	Atividades	Público
13/01	Saguão da Reitoria	Início da arrecadação de donativos.	---
11 e 12/02	Nova Friburgo e Teresópolis	Recreação com crianças nos abrigos.	400
26/02	Nova Friburgo	Apresentação da Orquestra de Cordas da Grotta.	300
01/03	Sede da ALERJ	Reunião sobre a recuperação econômica da Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro.	---
18/03	Teresópolis	Fórum “Recuperação Econômica dos Municípios da Região Serrana”, promovido pela ALERJ.	---
23/03	3º Batalhão de Infantaria	- Atendimento odontológico (80 crianças); - conscientização sobre os malefícios causados por álcool e outras drogas; - atividades culturais.	200
19/05	3º BI	Inauguração da Oficina de Teatro	20
		Atividades em parceria com o Projeto UFF Mulher	
07/05	Espaço Cultural da Grotta	“UFF Mulher na Comunidade - Grotta”.	450
11/05	Anfiteatro PUNF	Mesa-redonda: “Saúde Reprodutiva e Direitos Femininos”. Participação de representantes da UFF e representantes e autoridades locais.	100
12/05	Praça Getúlio Vargas, Nova Friburgo	“UFF Mulher na Comunidade – Nova Friburgo”.	1000
04/06	Morro do Estado	“UFF Mulher na Comunidade – Morro do Estado”.	50
		Total de pessoas atendidas:	2520

As atividades realizadas nas comunidades contemplam: orientações de primeiros-socorros; prevenção na área da saúde (aferição de glicose e pressão, tipagem sanguínea, e auto-exame de mama); atendimento odontológico; palestras sobre os malefícios causados pelo uso de álcool e outras drogas; diagnóstico e tratamento de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT); avaliação fonoaudiológica; atividades recreativas; e apresentações culturais.

No 2º Semestre de 2011, realizaremos o “UFF e a Comunidade: trocando saberes” em diferentes locais, oferecendo esclarecimentos e colaborando na conscientização da comunidade, visando à promoção da cidadania a todos os atores envolvidos.

CONCLUSÃO

Atualmente, o UFF-SOS Comunidade conta com aproximadamente 80 voluntários (cadastrados) entre membros internos à UFF e da sociedade em geral. Cada vez mais, docentes e discentes de diferentes cursos se envolvem nesta proposta, levando as atividades de ensino para fora da sala de aula como meio de contribuir para sua formação acadêmica e profissional.

Vale lembrar que a partir do envolvimento nas atividades do Programa, novas ações têm sido criadas. Como exemplo, podemos citar a “Oficina de Teatro” inaugurada no abrigo do 3º Batalhão de Infantaria – para diagnosticar casos de Transtorno de Estresse Pós-Traumático – e a realização da “3ª Campanha de Prevenção e Diagnóstico Precoce do Câncer Bucal”, em Nova Friburgo, onde foram detectadas lesões pré-malignas e malignas.

Espera-se que as ações desenvolvidas contribuam para consolidar o Programa UFF-SOS Comunidade como um Centro de Referência em casos de situações de emergência.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de (Coord.), et.al. Manual para a Decretação de Situação de Emergência ou de Estado de Calamidade Pública: instruções complementares ao manual. Brasília: Secretaria Nacional de Defesa Civil/SEDEC do Ministério da Integração Nacional/MI, 2007.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL - Secretaria Nacional de Defesa Civil - Glossário de defesa civil, estudos de riscos e medicina de desastres. Brasília: Secretaria Nacional de Defesa Civil do Ministério da Integração Nacional, 1994. Disponível em: <<http://www.defesacivil.gov.br/glossario/index1.asp>>. Acesso em: 13 set. 2010.

_____. Política Nacional de Defesa Civil. Brasília: Secretaria Nacional de Defesa Civil do Ministério da Integração Nacional, 2007. Disponível em: <http://www.defesacivil.gov.br/>. Acesso em: 13 set. 2010.

SOUZA, Maria Lúcia Melo Teixeira de. Avaliação social, econômica e operacional: dos prejuízos causados pelas enchentes e inundações ocorridas em abril de 2010, no Município de Niterói. [Dissertação de Mestrado (em elaboração) para ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Defesa e Segurança Civil da Universidade Federal Fluminense]. Orientada por Maria Bernadete Pereira dos Santos. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2011.

TOMINAGA, Lúcia Keiko; SANTORO, Jair; AMARAL, Rosangela do (Orgs.). Desastres naturais: conhecer para prevenir. São Paulo: Instituto Geológico, 2009. Disponível em: <www.dec.ufcg.edu.br>. Acesso em: 13 set. 2010.

Trajatória do Estudante Universitário de Origem Popular (EUOP) : um olhar a partir das memórias do Projeto Conexões de Saberes da UFRJ.

Área temática: Educação

Responsável pelo trabalho: Monique Pereira da SILVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Autores: 1) Monique Pereira da SILVA; 2) Kátia Regina Gomes da SILVA;

3) Juliana Vanielle Moreth CONCEIÇÃO

Resumo: Este trabalho tem como objetivo problematizar a relação entre o estudante universitário de origem popular (EUOP) e o “olhar” que a Universidade tem sobre ele, através do seu ingresso e os mecanismos de conhecimentos que nela circulam, o que pode ou não auxiliar a permanência desse estudante na universidade pública. Essa temática se torna possível a partir das pesquisas no âmbito do espaço de discussão do Projeto Conexões de Saberes (PCS), que desde 2005 vem promovendo debates sobre esse assunto. Este projeto de extensão sempre acompanhou o debate a respeito do espaço ocupado pelo EUOP, tanto como detentor e formador de capital cultural e enquanto sujeito histórico – discursivo. Além do mais, o referido projeto proporciona abertura para entendimento e discussões sobre as ações afirmativas e que, também, pode e proporciona diálogos possíveis sobre as políticas de ingresso e de permanência dos EUOPs nas universidades públicas. Neste trabalho, nos propomos a demonstrar um debate sobre o EUOP, tendo em vista (re) pensar os valores no/do espaço institucional, através do princípio de igualdade e justiça social, com democraticidade e promoção do espaço de acolhimento dos EUOPs na Universidade, valorizando a multiplicidade dos sujeitos sociais e culturais que participam de uma realidade de (re)construção de saberes que tanto podem e influenciam nossa sociedade.

Palavras-chaves: estudante universitário; democratização e permanência.

Introdução

Nosso trabalho surge a partir do processo de escrita do livro sobre as *Memórias de um Projeto de Extensão* que objetiva fazer um levantamento sobre as produções realizadas no Conexões de Saberes (PCS), da UFRJ como um projeto de extensão que apresenta e discute a respeito do Estudante Universitário de Origem Popular (EUOP¹), permitindo um

¹ Categoria definida pelo Projeto Conexões de Saberes: Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares de iniciativa do MEC/SECAD, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ. Considero nesta pesquisa as definições presentes no RELATÓRIO DE PESQUISA PERFIL

espaço de formação político – acadêmico, de pesquisa e de formação sócio – cultural e de um outro olhar possível sobre esse sujeito que ingressa numa universidade pública, trazendo seus saberes de um espaço pouco valorizado socialmente, o das camadas populares da nossa sociedade.

Pretendemos apontar como ocorrem os diálogos possíveis e iniciais entre o EUOP e o seu “anseio” pelo espaço acadêmico, em suas trajetórias múltiplas de fracasso e de êxito escolar e/ universitário, ou seja, os percalços que os cercam no seu cotidiano particular e, posteriormente, acadêmico, enquanto EUOP, através de questionamentos como: Qual é a expectativa do estudante de origem popular em relação à universidade? Como este aluno exerce o seu papel e a responsabilidade na sociedade depois do ingresso na universidade? Por que é tão importante questionar e desnaturalizar os mecanismos de conhecimento que circulam na universidade e que ela tanto valoriza?

Para tanto, consideramos as características gerais do PCS e, concordando com Santos (2000, p.192) no que diz respeito à *crise de legitimidade*, na qual o que está em causa é *o espectro social dos destinatários dos conhecimentos produzidos e, portanto a democraticidade da transmissão deste*, é de suma importância destacar algumas particularidades dessa crise específica com o intuito de chamar a atenção para a dimensão transformadora a partir da concepção do *Projeto Conexão de Saberes*.

No momento em que a procura da universidade deixou de ser apenas a procura de excelência e passou a ser também a procura de democracia e de igualdade (Santos, 2000), houve possibilidade desse espaço dá lugar aos direitos sociais e econômicos, aos direitos humanos entre os quais prioriza o direito à educação, um dos motivos que possibilita desestabilizar um modelo antigo e a universidade entrar em crise. Ao mesmo tempo em que promoveu esta abertura, abriu brechas para que fosse questionada a hierarquização excludente dos saberes por ela privilegiados nas suas atividades de pesquisa e de ensino.

É muito importante que levemos em conta as políticas de permanência e de discussão do espaço acadêmico que observamos, para refletirmos sobre esse outro universitário que representa a primeira geração de sua família em uma universidade pública federal de posição conservadora, na visão do ingresso e da permanência de estudantes que não têm condições financeiras para se manterem em seu curso acadêmico.

SOCIAL BÁSICO DOS ESTUDANTES DA UFRJ (2005), onde foram considerados os seguintes critérios: Escolaridade dos pais até o Ensino Fundamental Completo; Local de Moradia: periferia/subúrbio, favela/ morro/ comunidade, e Renda Familiar: até 3 salários mínimos, para definir a categoria EUOP.

Material e Metodologia

Pretendemos mostrar as influências da permanência desse sujeito EUOP, que pode e interfere e que modifica o espaço que ocupa diariamente na academia, sob o olhar das *memórias* do PCS que nos últimos cinco anos recebeu inúmeros bolsistas, inúmeras realidades e modos diferentes de pensar e agir estrategicamente no espaço de formação universitário que não foi pensado para as múltiplas realidades sociais e culturais no Brasil.

Dentro de vivências dessas relações sociais, com as discussões acumuladas sobre discriminação, seja por raça ou pelo poder aquisitivo; a violência (verbal e não-verbal), ou sobre ações afirmativas, nosso grupo promove junto aos bolsistas do projeto espaços de formações permanentes. Participamos ao longo destes anos de inúmeros fóruns de estudantes onde, nós bolsistas participamos, os cursos de formação acadêmica como o de escrita e produção de artigos, os seminários nacionais e estaduais, as Terças e Quintas de Diálogos², além das pesquisas de 2006 e de 2010 e, do próprio espaço físico disponível para discussão do PCS. Nossa participação teve como desdobramento a ampliação das oportunidades do (re) conhecimento dos EUOPs da UFRJ, de perceber como eles são acolhidos e conhecer a forma de acolhimento proposta pela Instituição, e verificar se de fato ela ocorre; e, caso contrário, também pudemos identificar o porquê isso não acontece.

A partir de todos esses dados, pretendemos realizar um recorte que aponte o perfil do EUOP e como se pensa o EUOP na Universidade Pública, sempre sugerindo novas possibilidades para mais discussões e melhorias acerca dessa categoria que hoje (tanto) traz tantas discussões internas e externas em nossa vida acadêmica.

Resultados e discussões

O Projeto Conexões de Saberes (PCS) é um grande criador e inovador de pensares, e de reflexões dentro e fora da UFRJ; sendo parte desses EUOPs que muitas barreiras enfrentaram para e ao adentrar nesse espaço que não é adaptado à realidade de todos, bastante seletivo e pouco democrático, pelo simples motivo de serem provenientes de uma camada mais popular e de viver o sonho do ingresso e permanência na universidade

² **Terças de Diálogos e Quintas de Diálogos** – espaços de formação do PCS aberto a comunidade acadêmica que possibilitavam discussões atualizadas entre a universidade e a sociedade, com temas que perpassavam as discussões relacionado a intencionalidade do Projeto. Geralmente em formato de mesa redonda com até três convidados/autoridades sobre o assunto, sendo um desses um bolsista representante para expor e confrontar ideias diversas como racismo, diversidade de gênero, direitos humanos, cotas e entre outras temáticas.

pública, geriram no decorrer de seu percurso uma construção coletiva baseada em uma rede de apoio, e não somente no fruto do empenho pessoal ou da origem sócio - econômica ou territorial, mas de um ideal de conseguir aquilo pelo qual almejavam com o acompanhamento familiar e de uma instrução institucionalizada.

A garantia da permanência dos EUOPs é um grande caminho a ser trilhado, pois como atuantes desse espaço podemos perceber como, na realidade, é difícil de garantir esses mecanismos e os seus cumprimentos, o que pode nos render outra articulação com projetos que exteriorizam a UFRJ, sejam eles sobre saúde, economia e/ ou culturas em geral. Todo esse trabalho passa a ter a necessidade de ser registrado, pois a partir dessas memórias, novas discussões sobre EUOPs podem garantir um maior amadurecimento sobre esse assunto que nos direcionem e nos garanta maior visibilidade dentro e fora da UFRJ, transformando o nosso espaço de convívio, tanto (n) a comunidade acadêmica, quanto as demais comunidades de origem. Deste modo, as memórias e trajetórias desses jovens, que como veículos de experiências vivas de esperanças, possibilitarão a outros estudantes, a partir de nossas idéias de renovação, o sentimento de pertencimento a este espaço e o próprio prazer de querer viver a Universidade Pública.

Considerações finais

Assim, propomos a promoção do reconhecimento do espaço de convívio do saber popular e de diálogos com os saberes acadêmicos, o que o PCS prioriza para dinamização de suas interferências e dos estudantes na sua universidade mais amplamente, o que nos pode auxiliar a discutir propósitos de existência e difusão de formas plausíveis para se lutar contra as disparidades diárias e que mostram a diferença real entre o mérito e a meritocracia e suas diversas formas de aplicação e sustentabilidade dentro das universidades públicas, com princípio de igualdade e justiça social como uma possibilidade de (re)pensar valores no espaço institucional.

Referências

BOURDIEU, P. *Os excluídos do interior*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTELO BRANCO, Ana Lúcia *et ali*. *Indissociabilidade Ensino- Pesquisa- Extensão e a Flexibilização Curricular: uma visão da extensão*. In Fórum de Pró- Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, Abril, 2006.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. In: *Revista Brasileira de Educação*, n ° 24 Set/Out/Nov./Dez, 2003.

FARIA, Susan. *UFRJ faz radiografia da origem dos seus estudantes*. Reportagem de 03/07/2006. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=6610. Acesso em: 02 de janeiro de 2009.

MOEHLECKE, Sabrina. *Ação afirmativa: História e debates no Brasil*. Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 197-217, novembro/ 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Ed. Cortez, 2000.

